SESQUICENTENÁRIO – 1810 – 1960

GUIA DA BIBLIOTECA NACIONAL

BIBLIOTECA NACIONAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

GUIA DA BIBLIOTECA NACIONAL

SESQUICENTENÁRIO – 1810 – 1960

GUIA DA BIBLIOTECA NACIONAL

BIBLIOTECA NACIONAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

APRESENTAÇÃO

Constitui uma grande honra e um enorme privilégio estar na direção da Biblioteca Nacional, no momento em que é comemorado o sesquicentenário (1810-1960) de sua fundação e o cinqüentenário (1910-1960) da inauguração do seu prédio atual.

Várias solenidades serão realizadas para comemorar tão auspicioso acontecimento, e é com grande satisfação que lhe presto minha homenagem.

Contando com a colaboração dos funcionários da Biblioteca Nacional, foi organizado o presente guia, com a coordenação do professor José Carlos Lisboa, da Seção de Publicações, no propósito de orientar, com informações indispensáveis, todos aquêles que a visitam.

A fim de dar-lhe maior relêvo, a sua capa reproduz, em côres, um dos Livros de Horas *do acervo da Biblioteca, compondo a contracapa as palavras de D. João VI, no real Decreto de 29 de outubro de 1810, que designava o local onde seriam instaladas suas antigas coleções. O guia apresenta a relação dos primeiros* conservadores *do período colonial, dos* bibliotecários *que a admi-*

nistraram no Império e dos Diretores aos quais a República entregou a guarda dêste patrimônio inestimável.

Foi feito um histórico dos que por aqui passaram, num breve relato, por não ser possível descrever vidas tão ilustres em tão poucas linhas. Prestamos, dêsse modo, a quantos deram o brilho de seu talento a esta Casa, a nossa homenagem.

Contém, ainda, o guia, uma lista das preciosidades de que somos depositários, além do programa das festividades comemorativas da fundação e inauguração da Biblioteca.

E, para terminar, quero expressar o meu sincero e comovido agradecimento aos funcionários desta Casa, que contribuíram para o êxito dêste guia, por meio do qual, unidos no amor à ciência e ao trabalho, comemoramos a grande festa da Biblioteca Nacional, que é nossa também.

Rio, 29 de outubro de 1960.

ELÍSIO CONDÉ
Diretor Geral

HORÁRIO GERAL

A Biblioteca Nacional está aberta ao público diàriamente, das 10 às 24 horas.

Aos sábados: das 10 às 16 horas.

Aos domingos: das 13 às 17 horas.

NOTA: Os horários especiais das Seções figuram na parte de informações sôbre cada uma em particular, no capítulo de *Acervos e Atividades*, neste *Guia*.

LOCALIZAÇÃO

(POR PAVIMENTOS)

1º PAVIMENTO

Ala esquerda: Cursos — Biblioteca dos Cursos — Diretório Acadêmico Rodolfo Garcia — Seção de Material.

Centro: Zeladoria — Depósito de direitos autorais — Refeitório — Instituto Nacional do Livro.

Ala direita: Depósito de duplicatas — Laboratório de Microfilmes — Seção de Restauração — Divisão de Bibliopatologia.

2º PAVIMENTO

Ala esquerda: Seção de leitura.

Centro: Gabinete do Diretor Geral — Catálogos gerais — Hall de exposições — Portaria — Seções de: Iconografia, Exposições, Biblioteconomia, Acervos resultantes de Convênios Internacionais.

Ala direita: Divisão de Circulação — Seções de: Referência, Documentação, Publicações periódicas, Publicações oficiais.

3º PAVIMENTO

Ala esquerda: Divisão de Aquisição — Seções de: Compra, Contribuição legal, Permuta internacional, Direitos autorais, Encadernação. — Divisão de Catalogação — Seções de: Catalogação, Classificação, Manutenção de catálogos.

Centro: Divisão de Obras Raras — Seções de: Livros Raros, Brasiliana e Microfilmes. Seção de Conservação.

Ala direita: Divisão de Administração. — Seções do Pessoal, Orçamento, Conservação do Patrimônio — Divisão de Publicações e Divulgação — Seções de: Publicações, Ecdótica, Divulgação. — Seção de Manuscritos.

4º PAVIMENTO

Ala esquerda: 1º, 2º e 3º armazéns de livros.

Centro: Seção de Música e Arquivo Sonoro — Instituto Nacional do Livro.

Ala direita: 1º, 2º e 3º armazéns de periódicos e publicações oficiais.

5º PAVIMENTO

Ala esquerda: 4º, 5º e 6º armazéns de livros.

Centro: Depósito de publicações da Biblioteca Nacional.

Ala direita: 4º, 5º e 6º armazéns de periódicos e publicações oficiais.

NOTA:

A localização especial das Seções figura adiante, entre as informações de cada uma, no capítulo de *Acervos e Atividades,* neste Guia.

ENDERÊÇO GERAL:

BIBLIOTECA NACIONAL
Avenida Rio Branco, 219-39
RIO DE JANEIRO
Estado da Guanabara

NOTÍCIA HISTÓRICA

A Biblioteca Nacional constituiu-se, a princípio, da livraria que D. José I, rei de Portugal, mandara organizar, a fim de substituir a Real Biblioteca da Ajuda, fundada por D. Duarte e destruída com o terremoto de Lisboa de 1 de novembro de 1755, no incêndio do Paço da Ribeira.

Entre 1770 e 1773, o acervo se enriquecera com as preciosidades sàbiamente reunidas numa coleção de 5.764 volumes, doados ao Rei pelo grande bibliófilo Diogo Barbosa Machado, abade de Santo Adrião de Sever.

A descrição dessas peças, algumas raríssimas ou únicas e quase tôdas de extraordinário valor, foi parcialmente feita em trabalho de Ramiz Galvão, no primeiro volume dos Anais da Biblioteca Nacional (1876-1877), publicação que o ilustre escritor iniciou.

Àquela biblioteca de D. José também se incorporou a livraria do Colégio de Todos os Santos, da ilha de S. Miguel e, em grande parte, a chamada *do Infantado,* vindo todo êsse conjunto para o Rio de Janeiro, quando, fugindo à invasão de Portugal pelas fôrças napoleônicas de Junot, aqui desembarcaram D. João VI, a rainha D. Maria I e demais membros da família real (1807-1808).

Pelo decreto de 27 de junho de 1810, D. João VI havia ordenado a colocação dêsse acervo total, com a designação de Real Biblioteca, nas casas do Hospital da Ordem Terceira do Carmo, à rua Direita (hoje: Primeiro de Março), entre a igreja do Carmo e a Capela Imperial (mais tarde: Catedral). Verificando, logo após, a incomodidade do local, pelo novo Decreto, de 29 de outubro de 1810, mandou acomodar a biblioteca no lugar que havia servido de catacumba aos Religiosos do Carmo. Essa data: 29 de outubro de 1810 é que marca a instalação efetiva da Biblioteca e é a considerada como a da sua fundação.

Sòmente a partir de 1814, porém, foi franqueada ao público a livraria, contando então com mais de 60.000 volumes.

Para o "arranjamento e conservação" do acervo foram designados em conjunto o Padre Joaquim Dámaso e Frei Gregório José Viegas, vindos com D. João VI e que, como bibliotecários régios, instalaram e dirigiram a casa, nos primeiros anos.

Já nos últimos tempos de colônia, outro ilustre português, Luís Joaquim dos Santos Marrocos, encarregado dos Manuscritos da Coroa, substituiu Frei Gregório, tendo, afinal, todos os três regressado a Lisboa, com a Família Real, ou logo após, e embarcando-se de volta cêrca de 60.000 códices da coleção daqueles Manuscritos.

Com o retôrno dos Bragança à Europa, aqui ficou a Real Biblioteca do Rio de Janeiro, que passou a ser propriedade do Estado pelo tratado de 29-8-1825, feito entre Portugal e Brasil, por ocasião do reconhecimento de nossa Independência.

Passada a Independência, temos logo a nomeação do primeiro administrador, com a designação de "Bibliotecário", a 23-10-1822. Trata-se de frei Antônio de Arrábida, antigo preceptor dos príncipes d. Pedro (depois Pedro I) e d. Miguel.

Serviu-lhe como ajudante o padre Felisberto Antônio Pereira Delgado, que afinal também ascendeu ao cargo, quando frei Antônio o deixou, a 16-8-1831. Deve-se a êste último a feitura dos Artigos Regulamentares que regeram a nossa Biblioteca Imperial e Pública, como se chamava então, aprovados a 13-9-1824.

Sucedem-se os diversos Bibliotecários do Brasil independente, enquanto cresce nos acervos e nas consultas a Biblioteca Imperial e Pública do Rio de Janeiro. Já quando a casa se aproxima do cinqüentenário, Frei Camilo de Monserrate (originàriamente Montserrat), a partir de sua posse em 1853, começa a primeira batalha pela conquista de local mais amplo e que melhor comporte a florescente instituição.

Comprado o novo prédio em 1855, Frei Camilo consegue a transferência da Biblioteca sòmente três anos mais tarde (4 de agôsto de 1858), instalando-a no Largo da Lapa, 46 (ou Rua do Passeio, 48), no edifício que pouco a pouco se adaptou e ampliou e em que hoje funciona a Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil.

Após a sua gestão, vem a do "Bibliotecário" Ramiz Galvão, o grande erudito brasileiro, cuja passagem está assinalada por iniciativas do mais alto significado para a Biblioteca e para a vida cultural da cidade e do país. Foi o Barão de Ramiz Galvão o promotor das duas primeiras exposições da Biblioteca: a do Tricentenário da morte de Camões (10-6-1880) e a de História do Brasil (2-12-1881), cujos Catálogos (constantes dos *Anais*, n°s. 1 e 9, respectivamente) dão a medida de sua importância e grandeza. Criou a coleção dos *Anais* da Biblioteca Nacional e fundou o gabinete de Numismática; reeditou a *Prosopopéia* de Bento Teixeira, assim como a Arte da Gramática da língua brasílica da nação *Kiriri*, do Padre Mamiani, realizou o primeiro concurso de bibliotecários, não deixando qualquer campo de atividade em que não servisse superiormente à Biblioteca.

Substituiu-o o Dr. João de Saldanha da Gama, anteriormente Chefe da Seção de Impressos.

Dirige interinamente a casa, depois é nomeado "Bibliotecário" efetivo e afinal aposentado após a Proclamação da República (Decreto de 12-12-1889).

Foi quem substituiu a iluminação a gás por luz elétrica, obtida em motor privativo da Biblioteca, a partir de 1-6-1885. Criou a Exposição Permanente de Cimélios e mandou confeccionar o seu Catálogo, tendo publicado, de 1886 a 1888, os primeiros números do *Boletim de Aquisições*.

Desde 1878 passou a casa a chamar-se: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Ràpidamente cresciam as coleções da Biblioteca e já em 1888 o inventário de livros, feito sob a mesma administração, assinalava números superiores a 170.000 volumes, às vésperas da República.

Com a Proclamação e o conseqüente exílio de Pedro II, o ex-Imperador deixou à Biblioteca a sua coleção particular que constava, só quanto a livros, de quase 50.000 volumes encadernados — o que representa a maior dádiva até hoje recebida.

Todo êsse material forma a *Coleção Teresa Cristina Maria*.

A partir de 1889, aposentado o último "Bibliotecário" Saldanha da Gama, e já com o novo título oficial de *Diretor* da Biblioteca Nacional, a República nomeia para o cargo o Dr.

Francisco Leite Bittencourt Sampaio. O Ministro da Instrução, Benjamin Constant, foi quem assinou a reforma "republicanizando" a Biblioteca, em 1890. Até a entrada do novo século, enquanto os serviços se desenvolvem, os acervos mais se avolumam, e se especializam seções, vão desfilando os Diretores novos: Mendes da Rocha (1892); o escritor Raul Pompéia (1894), em cuja administração se conquista um Anexo, à rua Maranguape, para servir de depósito de impressos, aliviando a casa adaptada, à Rua do Passeio; José Alexandre Teixeira de Melo (1895), que realiza acréscimos no edifício, insiste na aquisição de novo local, sem muita esperança de obter verbas para construir prédio novo apropriado à Biblioteca. Nessa fase se realiza a aquisição do Palácio do Catete, para onde se vai transferir o Govêrno da República, antes instalado à Rua Larga, no Itamarati. Os próprios jornais da capital (*Jornal do Comércio, O País*) fazem a campanha a favor da mudança da Biblioteca para o Palácio então desocupado do Itamarati. Nem Teixeira de Melo nem a Imprensa conseguem aquela vitória, que parecia certa. E iniciamos o século novo em casa velha e apertada.

Em 1895, as unidades que compõem o fundo da Biblioteca vão além de 400.000, entre impressos, manuscritos, documentos biográficos, históricos, códices, moedas, medalhas, etc., justificando tais números de peças a necessidade de construção das alas novas que se foram somando ao primitivo prédio.

Foi, portanto, na administração Teixeira de Melo (1895-1900) que se consolidou a idéia de construção de prédio novo, diante da crise de espaço que já determinara antes (administração Raul Pompéia, 1894-95) o aluguel do depósito vizinho.

Quando Epitácio Pessoa se torna Ministro da Justiça de Campos Sales, traz de Pernambuco o Dr. Manuel Cícero Peregrino da Silva, que dirigira a Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife (1889-1890 e 1892-1900), e lhe entrega a direção da Biblioteca Nacional. Seu primeiro Relatório (1901) começa exigindo o prédio novo; em 1902 introduz o uso pioneiro da máquina de escrever na Biblioteca, inaugura (2-6-1902) a primeira Oficina de Encadernação da Biblioteca Nacional, no edifício da Rua do Passeio; no mesmo local a 3-8-1902 instala a Oficina Tipográfica da Biblioteca Nacional (ambas Oficinas foram extintas pelo Decreto n. 20.629, de 9-11-1931). Estava perfilado, desde logo, o admi-

nistrador avançado e persistente que seria e realmente o foi. Em 1903 obtém a consignação de verba para a construção e se empenha na pronta execução da obra.

A pedra fundamental do edifício é lançada em 1905. O projeto fôra elaborado pelo General Francisco Marcelino de Sousa Aguiar, e a sua execução — realizada pelos engenheiros construtores Napoleão Moniz Freire e Alberto de Faria. A 29 de outubro de 1910, a inauguração da nova casa constituiu a melhor celebração do centenário da Biblioteca, coincidindo, hoje, portanto, — 29 de outubro de 1960, — com o aparecimento dêste pequeno Guia, não só o Sesquicentenário da instalação da Biblioteca Nacional mas também o Cinqüentenário da inauguração do seu prédio. Era êste, na época do seu aparecimento, não só uma construção monumental a enriquecer arquitetônicamente a nova avenida da Capital Brasileira, que se modernizava em mãos de Pereira Passos e Paulo de Frontin; as instalações correspondiam a tôdas as exigências técnicas do tempo, para a sua alta função de cultura: pavimentação de vidro nos armazéns, armações e estantes de aço; galerias; depósitos; cofres; claros e amplos salões de leitura, de consulta e de exposições; tubos pneumáticos para transporte de pedidos ou de livros, etc. Aqui acabaria a história dêste prédio, materialmente, mas não a da sua vida como instituição.

As sucessivas administrações se vêm empenhando não só em conservar a casa, mas em aproveitá-la internamente, de maneira racional, conquistando cada dia nova área útil, que o crescimento da Biblioteca vai reclamando cada vez mais. O fato é que, como "um corpo que aumenta sempre e nada elimina", a Biblioteca se expande e exige novos anexos, como se fêz na rua Maranguape, há cêrca de setenta anos atrás, para atender à natural expansão do seu organismo. Quem percorre os pavimentos da Biblioteca e verifica as seções abundantes que já invadiram os seus cantos, ângulos, galerias, passagens, percebe logo o problema, que talvez agora se possa resolver com a cessão de outro edifício do Govêrno Federal, vago com a mudança da Capital para Brasília, já que o Presidente Juscelino Kubitschek assumiu o compromisso público de não retirar do Rio a Biblioteca Nacional.

Voltemos, porém, à história, nestes últimos cinqüenta anos.

Cícero Peregrino não dirigiu a Biblioteca apenas na entrada do século, na inauguração do atual edifício ou durante a Pri

meira Guerra Mundial; também assistiu, como seu Diretor efetivo, ao 1º Centenário da nossa Independência e ainda em 1924 se encontrava no pôsto, havendo realizado não sòmente a mais extensa direção da casa, no tempo, mas também uma das mais fecundas administrações entre as maiores da nossa história.

Entre as suas iniciativas que reclamam pelo menos uma menção neste Guia poderíamos ainda enumerar as seguintes: criou novo Regulamento da Biblioteca, em que projetou o Catálogo coletivo das bibliotecas da cidade, a catalogação cooperativa, a utilização da Classificação Decimal Universal (CDU); segundo êste, ordenou e lançou o Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional; instituiu os Cursos Técnicos, para formação e aperfeiçoamento de bibliotecários e até lhes propiciou, assim como ao público em geral, cursos de conferências confiados a nomes dos mais expressivos da época, tais como José Veríssimo, Juliano Moreira ou João Ribeiro, que dissertaram sôbre literatura, ciência ou folclore no Brasil, entre outros.

Por volta da celebração do Centenário da nossa Independência, a Biblioteca hospedou a Câmara dos Deputados, que funcionou em nossos salões, após a escolha feita em junho de 1922 pela própria Câmara, que deixava o Palácio Monroe para a Exposição Internacional e não dispunha de outro local melhor. O mesmo ocorreu na administração Rodolfo Garcia, quando acolheu repartições federais, e como ainda hoje (a partir de 1937), tem a Biblioteca como seu condômino o Instituto Nacional do Livro.

Dentre as iniciativas da administração Mário Behring, que sucede a Peregrino e dura de 1924 a 1932, se conta a da inauguração da coleção *Documentos Históricos,* de que já apareceram até hoje 110 volumes.

Toca ao ilustre historiador e erudito Rodolfo Garcia o comando da casa, no período seguinte, que vai até 1945.

Lutando com orçamentos extremamente angustiados, em virtude da desorganização recente da chamada República Velha (Revolução de 1930) e da recuperação difícil, inclusive pela suportação da Revolução Constitucionalista de São Paulo (1932) e os movimentos subversivos (1935-1938), o Diretor Rodolfo Garcia quase se pode dizer que herdou os mais duros tempos de entre-revoluções em sua gestão, começada em 1933, nos rescaldos da Paulista e encerrada na liquidação do Estado Novo (1937-

1945). Assim mesmo, realizou o que os minguados 18 milhões anuais lhe permitiram, superando essa adversidade material com a disciplina e o decôro que o seu nome e as tradições da casa lhe impunham. Organizou, entre outras, a Seção de Referências, ativou a Seção de Publicações (estas chegam perto de uma centena de títulos no seu período administrativo), sobretudo no referente a matéria histórica; remodelou integralmente o edifício da Biblioteca, renovando-lhe todo o piso de mármore. Deve-se-lhe a mais radical re-estruturação dos Cursos de Biblioteconomia (1944) elaborada por Josué Montelo, então Diretor daqueles Cursos; foi o autor, igualmente, da reforma interna da organização, expressa no Regulamento de 1944.

No momento em que o país se acomodava à nova situação, criada com a deposição do Chefe do Estado, — que governara o Brasil desde a Revolução de 1930, — Rubens Borba de Moraes nos trouxe, com o seu passado na Biblioteca Municipal de São Paulo, (servindo a Mário de Andrade no Departamento de Cultura), com o seu renome de bibliófilo e bibliotecário, a garantia de um programa de desenvolvimento específico, por cuja execução se indicava pela sua formação técnica, lúcida e moderna. Chegou à Direção na fase de redemocratização do país e seu primeiro propósito foi dar novo Regimento à Biblioteca Nacional. A sua reforma (1946) está ainda em vigor e foi com ela que procurou atualizar, na época, todos os serviços da instituição. Deu-nos um Diretor-Geral e seis Diretores de Divisões (só existia um Diretor anteriormente) ampliando para dezoito o número de chefes de Seções (antes, eram sòmente quatro). Criou o Laboratório de Microfilmes e iniciou o seu equipamento e atividades, prestigiando e desenvolvendo igualmente o programa dos Cursos, para melhor formação e aperfeiçoamento de bibilotecários gerais e especializados.

Com a preocupação posta nos problemas internos e externos da Biblioteca, trouxe ao Rio uma comissão de técnicos americanos, que estudaram, não só a possibilidade de total reforma do edifício, com acrescentamento de novas áreas construídas, utilizando-se parte dos jardins laterais, como projetaram tôda a obra, no sentido de não comprometer a unidade arquitetônica da Biblioteca. Ao lado dêsse projeto, com assessoria da mesma comissão e de outros especialistas em Biblioteconomia, planejou

a sua reforma, logo posta em execução, numa profunda modificação estrutural em que sempre prestigiou os funcionários de formação especializada. Segue-se-lhe a administração fecunda e dinâmica de Josué Montelo. Depois de adquirida a sua experiência na inspeção federal de ensino do Ministério da Educação e Cultura, e haver chegado, pelos seus méritos, ao cargo de técnico de Educação, o Dr. Josué Montelo planejou e deu vários ciclos de aulas no curso de Organização e Administração de Bibliotecas no DASP, de onde veio prestar a sua colaboração à Biblioteca Nacional (1943-44) como Professor, a princípio, e depois como Coordenador dos Cursos de Biblioteconomia. Êste foi o setor que mereceu sua dedicação inicial, expressa na reorganização e Regulamentação das suas atividades e estrutura. Em 1946 já lhe estava confiada a Direção dêsses Cursos, e em 1948 a Direção Geral da Biblioteca. Conhecendo bem a reforma Rubens Borba de Morais e todo o funcionamento da casa, — antes e depois dessa reforma, porque já estava integrado a ela, — esboçou o seu programa no discurso de posse de 14-1-1948 e iniciou logo a sua execução, desenvolvendo e intensificando sobretudo as atividades de catalogação, classificação, conservação e expurgo do acervo; modernizou as suas publicações e exposições, divulgando nossas principais peças iconográficas; promoveu a restauração de coleções preciosas, etc. Diante da falta de pessoal para essa obra (apesar da ampliação de quadros da Reforma Borba de Morais), conseguiu a solução chamada de Verba 3, pela primeira vez aplicada na Biblioteca. Com o aumento do pessoal contratado dessa forma, e o das dotações orçamentárias que obteve, pôde então desenvolver os trabalhos dos Laboratórios de Microfilmes e de Restauração, adquirindo as máquinas adequadas àquelas tarefas, como a Barrow —, instrumento de custo elevadíssimo para a época, e único no País, então.

Do começo de 1951 até os inícios de 1956, a Direção Geral da Biblioteca foi entregue ao ensaísta e crítico Eugênio Gomes. As inquietações políticas do país, as dificuldades orçamentárias do período conspiraram contra todos os seus esforços e apelos, no sentido de obtenção de verbas e de pessoal técnico suficiente, para a realização de seu programa de atualização da Biblioteca. Tendo preparado plano completo para a catalogação intensiva do acervo e respectiva recuperação material, não pôde realizá-lo na plenitude

dos seus propósitos. Assim mesmo, sua fôlha de serviços à casa é respeitável, não só nesses dois aspectos. A partir de 1951 retomou a publicação do *Boletim Bibliográfico* — suspensa desde vários anos, — assim como ativou a dos *Anais* da Biblioteca, a das coleções *Documentos Históricos* e a dos Manuscritos De Angelis, etc. Em sua gestão realizou 25 Exposições de caráter educativo e cultural na sede da Biblioteca, assim como colaborou em outras, de iniciativa alheia, no próprio edifício e nos Estados do Brasil, exposições cujos primeiros catálogos autônomos mandou imprimir. Na parte de instalações gerais, havendo verificado a dificuldade de circulação dos volumes e dos próprios funcionários em serviços de atendimento ao público, iniciou a reforma dos elevadores e a ampliação das estantes de aço na Seção de Periódicos, igualmente a montagem da escada helicoidal da ala direita, determinando ainda a revisão das clarabóias e sua cobertura. Remodelou, completamente, as instalações da Recepção e Chapelaria no 2º pavimento. Concluiu e ampliou as obras dos Laboratórios de Microfilmagem e Restauração, iniciou o aparelhamento contra incêndios e tomou as providências preliminares para a reforma da rêde elétrica e para a edificação de um Anexo à Biblioteca, nos têrmos da previsão do Regulamento de 1946. O esboço e risco da construção dêsse Anexo, de autoria de Lúcio Costa (mais tarde autor do plano-pilôto de Brasília) foi levado ao sr. Ministro da Educação e encaminhado ao DASP em 1954.

Empossado o Presidente Juscelino Kubitschek no comêço de 1956, foi convidado Celso Ferreira da Cunha para a direção da Biblioteca Nacional.

Conhecendo bem a luta de seu antecessor para a obtenção de verbas essenciais à manutenção material do edifício e ao crescimento geral da Biblioteca, o novo Diretor apresentou imediatamente as reivindicações da instituição, no esquema desenvolvimentista do novo Govêrno e defendeu bravamente essas reivindicações, quase tôdas em vias de atendimento. Nos quatro anos e pouco de sua administração conseguiu realizar as metas essenciais de seu programa. Obteve o levantamento das dotações orçamentárias, de 1956, na casa de 21 milhões, para 93 milhões, em 1960 (preparando a ultrapassagem dos 100 milhões para o ano próximo). Na parte material, remodelou totalmente a rêde elétrica do edifício; restaurou a casa, desde a cobertura e as cimalhas, im-

permeabilizando os terraços de onde vinham as infiltrações, até o primeiro pavimento, com as obras de ampliações das salas de serviços; pintou o hall da entrada e de exposições, modernizou as rêdes dos telefones internos e a aparelhagem de alarme contra incêndio; iniciou a instalação do ar condicionado e adquiriu máquinas modernas para expurgo; completou as estantes de aço dos armazéns; ampliou e atualizou o equipamento dos Laboratórios de Microfilme e de Recuperação. Executou intenso plano de ativação das relações culturais internacionais com o Brasil, através de Exposições da Biblioteca Nacional no Exterior, como as já realizadas de Madri, Lisboa, Granada, La Laguna, etc. Retomou o Festival do Livro da América, em colaboração com a Universidade do Brasil, realizando a sua segunda Exposição no Rio sob os auspícios da O.E.A. (1958). A Biblioteca colaborou, ainda, no Simpósio de Filologia Românica, com a Faculdade Nacional de Filosofia e, no I° Congresso Brasileiro de Dialetologia, com a Universidade do Rio Grande do Sul. Quanto ao acervo geral, adquiriu, fora e dentro do país, obras de base, como dicionários, enciclopédias, grandes coleções completas de revistas científicas européias (completando outras) e pondo-as tôdas em dia. Incorporou à Biblioteca uma Coleção camoniana, Manuscritos do século XVIII, a Biblioteca de Artur Ramos e a maior coleção especializada em música da América, a de Abraão de Carvalho. No setor de Publicações, o período da gestão Celso Cunha ultrapassou o número de tôdas as administrações anteriores, sendo que alguns dos últimos títulos de suas edições figuram neste guia, na parte final dedicada ao Sesquicentenário, sob a rubrica de Publicações em circulação em 1960. Destaquem-se apenas, entre as anteriores edições, o Catálogo de Incunábulos (de 1958) e a *Decimalia,* cujas nove separatas inaugurais deram realidade à iniciativa.

Chamado para a Secretaria de Educação do Estado da Guanabara, Celso Cunha deixou a Biblioteca Nacional a 27 de abril de 1960, preenchendo a sua vaga a diretora de Administração, bibliotecária Marina Monteiro de Barros Roxo, substituta, a princípio, e depois: Diretor-geral interino e que, sem solução de continuidade nas atividades dêste 1960, garantiu a execução do programa de seu antecessor, ativando-a em todos os aspectos fundamentais e passando depois a direção a Elísio Condé que, dessa forma, reúne o seu nome ao dos Diretores Gerais do Ano do Sesquicentená-

rio. Igualmente identificado com o programa Celso Cunha, e contando com a ativa assistência de Marina Monteiro de Barros Roxo, Elísio Condé vai mantendo o ritmo da administração da Biblioteca, empenhado especialmente, neste instante, na realização dos planos dêste ano festivo. Em tal sentido, realizou o Concurso de Bibliologia, ultimou as Exposições no país e no estrangeiro, com os respectivos catálogos: Exposição do 1º Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária (Recife, agôsto); Exposição Chopin (Rio, setembro); Exposição do Sesquicentenário, para 29 de outubro; e preparou: Exposição de Incunábulos e Exposição do Laboratório de Microfilmes (para dezembro); Exposição "Brasil no Livro e na Gravura" (para janeiro); Exposição do Livro Brasileiro em Assunção, Roma, Paris, Praga, Nova York, Utrecht, Wisconsin. Terminou as obras de ampliação e remodelação dos Laboratórios de Microfilmes e de Restauração; promoveu a instalação de parte da aparelhagem de ar condicionado; continuou o plano de publicações em preparo e execução, tendo lançado o *Album de Figurinos do Século XVIII* e o dos *Oiseaux-Mouches*; acrescentou novas separatas impressas da coleção *Decimalia* e promoveu a feitura e edição do presente *Guia da Biblioteca Nacional*. Com esta edição, inaugura um tipo de publicação que passará a ser, conforme espera, obrigatório, não só para informações ao público mas para viver também como elemento de atualização da estrutura e da história da Biblioteca, em seus principais aspetos. Cabendo-lhe hoje a Direção Geral da instituição, Elísio Condé se empenhou em que os três Diretores de 1960 se mobilizassem cordial e harmônicamente para a hora festiva e pôde, assim, contar com a entusiástica participação de seus antecessores Celso Cunha e Marina Monteiro de Barros Rôxo, durante todo o período de preparação e de celebração do Sesquicentenário da fundação da Biblioteca Nacional (1810-1960) e Cinqüentenário da inauguração do seu prédio (1910-1960).

RELAÇÃO DOS DIRETORES

As dimensões e os fins do presente Guia não nos permitem dar senão os nomes e um mínimo de títulos de cada um dos dirigentes da Biblioteca Nacional, todos êles altamente credores do nosso reconhecimento e da nossa admiração.

1. Os três primeiros nomes correspondem aos *Zeladores* que, no período colonial, tiveram a seu cargo o "arranjamento e conservação" da Real Biblioteca.

2. Da Independência à República, os administradores tinham a designação de *Bibliotecários*.

3. O título de *Diretor* é usado desde 1889 (a partir da Proclamação da República e reforma dos Regulamentos da Biblioteca).

4. O de *Diretor Geral* nasce junto da re-estruturação contida no Regulamento de 1946, com a criação de Divisões, quando os Diretores destas aparecem para chefiá-las, sem prejuízo de sua subordinação imediata ao Diretor Geral.

Frei Gregório José Viegas

n. Lisboa: 1753 (batismo: 12-3-1753)
m. Lisboa: 7-7-1840

Franciscano da Congregação da Ordem Terceira. Acompanhou a família real ao Rio, onde foi confessor de uma das infantas, filhas de d. João VI. Bibliotecário régio, administrou junto com o Padre Joaquim Dâmaso a Biblioteca, de 1810 a 1821.

A 4-4-1820 foi eleito bispo de Pernambuco.

Regressou a Portugal com d. João VI, em 1821.

Padre Joaquim Dámaso

n. Lisboa a 11-12-1777
m. Lisboa a 14-6-1833

Da Congregação do Oratório, de Lisboa. Em 1807 embarcou para o Brasil com a família real. No Rio, d. João VI o nomeou seu bibliotecário. Foi, ao mesmo tempo e na companhia de frei Gregório José Viegas, encarregado do "arranjamento e conservação" da então Real Biblioteca, ocupando o cargo de 1810 a 1822.

Luís Joaquim dos Santos Marrocos

n. Lisboa (?): 17-6-1781
m. Rio: 17-12-1838

Desde 1802, era ajudante das Reais Bibliotecas em Portugal. Vem para o Brasil em 1811, acompanhando a segunda remessa de livros para a Real Biblioteca do Rio. Logo designado para cuidar dos Manuscritos da Coroa, junto à pessoa do Príncipe Regente. Por Portaria de 26-9-1817, acumula as funções de ajudante da Biblioteca com a de Oficial da Secretaria dos Negócios do Reino do Brasil. Por decreto real de 22-3-1821 é promovido a encarregado da direção e arranjamento das Reais Bibliotecas, na vaga de frei Gregório José Viegas. Permanece no cargo até 1825, mesmo depois de graduado como Oficial Maior da Secretaria do Estado dos Negócios do Império (de 1824 até 1838).

Frei Antônio de Arrábida

n. Lisboa: 9-9-1771
m. Rio: 10-4-1850

Chamado aos 28 anos para conselheiro, por d. João VI, acompanha a família real ao Brasil. Foi preceptor dos Príncipes d. Pedro (I) e d. Miguel. Nomeado para a direção da Biblioteca a 23-10-1822 é, pois, o primeiro a exercer o cargo, após a Independência do Brasil, então com

o título de "Bibliotecário". Exerceu igualmente a reitoria do Colégio de Pedro II (1838-39) e foi mais tarde designado bispo de Anemúria.

Administração na Biblioteca: de 23-10-1822 a 16-8-1831.

Padre Felisberto Antônio Pereira Delgado

n. Vila de Tomar (Portugal) 1774

Administrou interinamente a Biblioteca, a partir da saída de frei Antônio de Arrábida (16-8-1831) e até a nomeação do Cônego Francisco Vieira Goulart (12-8-1833).

Cônego Francisco Vieira Goulart

Cônego da Capela Imperial, foi sócio da Academia Real de Ciências de Lisboa, redator da "Gazeta do Rio de Janeiro", professor de Humanidades.

Administrou a Biblioteca, como ajudante de bibliotecário, de .... 12-8-1833 a 11-1-1837 e como bibliotecário: dessa última data até a sua morte, ocorrida em Niterói, a 21-8-1839.

Cônego Antônio Fernandes da Silveira

n. Estância (Sergipe): 1795
m. Itapicuru (Bahia): 30-1-1862

Cursou Filosofia e Teologia em Salvador, onde chegou a Cônego da Sé. Deputado provincial em várias legislaturas. Fundador da imprensa de Sergipe e Presidente do Conselho Geral da Província.

Como ajudante, dirigiu a Biblioteca de 30-10-1837, em parte a colaborar com Vieira Goulart e, depois da morte dêste, sòzinho, até 5-11-1839.

Cônego Januário da Cunha Barbosa

n. Rio: 10-7-1780
m. Rio: 22-2-1846

Cónego da Capela Imperial, fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, orador sacro, escritor, com destacada ação política em seu tempo; professor de filosofia; secretário da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional.

Nomeado para a direção da Biblioteca a 5-11-1839, toma posse a 5-11-1839, exercendo o cargo até à sua morte, a 22-2-1846.

José de Assis Alves Branco Moniz Barreto

n. Bahia: 27-9-1819
m. Niterói: 17-3-1853

Doutor em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, jornalista, político, deputado à Assembléia do Rio, representante do Ceará na 7a. Le-

gislatura Geral; sócio do Instituto Histórico, desapareceu prematuramente aos 34 anos incompletos, tendo dirigido a Biblioteca de 5-3-1846 (aos 27 anos) até à morte: 17-3-1853.

Frei Camilo de Monserrate

(Jorge Estanislau Xavier Luís Camilo Cléau)

n. Paris: 14-11-1818

m. Ilha do Governador: 19-11-1870

Jorge Estanislau era filho do duque de Berry e de uma dama italiana da família Malatesta. Fêz-se monje beneditino no Rio, onde se naturalizou brasileiro. Promoveu a mudança da Biblioteca, da rua Primeiro de Março para a atual Escola Nacional de Música e mereceu, por seu valor intelectual e funcional, a bio-bibliografia que lhe consagrou Ramiz Galvão (seu sucessor) no volume XII, dos nossos Anais. Nomeado a 23, tomou posse a 29-4-1853, tendo dirigido a Biblioteca até à sua morte, a 19-11-1870.

Benjamin Franklin Ramiz Galvão

(Barão de Ramiz Galvão)

n. Rio Grande do Sul: 16-6-1846

m. Rio: 1938

Doutor em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, da qual foi lente substituto e catedrático de Botânica; sócio do Instituto Histórico; oficial da Instrução Pública de França, onde estudou, inclusive administração e organização de bibliotecas; membro da Academia Brasileira de Letras; erudito escritor, realizou assinalada administração.

Promoveu a realização do primeiro concurso de bibliotecários (então: oficiais) em que se destacou Capistrano de Abreu, o extraordinário historiador.

Nomeado a 14-12-1870, toma posse a 22 do mesmo mês e se exonera a pedido seu, para passar a preceptor dos filhos da Princesa Isabel, pelo decreto de 22-7-1882.

João de Saldanha da Gama

n. Campos (Rio de Janeiro): 22-8-1835

m. 1899.

Bacharel em ciências sociais e jurídicas pela Faculdade de Direito de S. Paulo. Desde a reforma feita por Ramiz Galvão, em 1876, era o chefe da Seção de Impressos.

Após breve interinidade, foi efetivado como "bibliotecário", por decreto de 28-10-1882, empossando-se três dias após.

Ao proclamar-se a República, foi aposentado pelo Govêrno Provisório, por decreto de 12-12-1889.

Francisco Leite de Bittencourt Sampaio

n. Laranjeiras (Sergipe): 1-2-1834
m. Rio: 10-10-1895

É o primeiro administrador a gozar do título oficial de *Diretor* da Biblioteca Nacional, já que até o fim do Império os titulares a dirigiam como "Bibliotecários".

Bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo; deputado à Assembléia Legislativa do País (1866); Presidente da Província do Espírito Santo (por carta Imperial de 29-9-1867).

Nomeado a 12-12-1889, empossou-se dois dias depois, tendo exercido o cargo até 25-10-1892.

Francisco Mendes da Rocha

Capitão de engenheiros.

Nomeado por decreto de 14-11-1892, exonera-se, a pedido, por decreto de 31-7-1894.

Raul d'Ávila Pompéia

n. Jacuecanga (Estado do Rio): 12-4-1863
m. Rio: 25-12-1895

Começou o curso de Direito em S. Paulo, terminando-o no Recife. O Jornalismo, a política partidária, as letras em geral o atraem. Foi Diretor de Estatística, do Diário Oficial e legou à literatura brasileira uma obra prima no romance: *O Ateneu* (1880). Temperamento de luta, de polêmica, põe fim à sua vida tràgicamente, com uma bala no coração, na noite de Natal de 1895.

José Alexandre Teixeira de Melo

n. Campos dos Goitacases (Prov. do Rio): 28-8-1833
m. 1907.

Médico, membro da Academia Filosófica, da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional.

Por ocasião da reforma da Biblioteca, reazidada por Ramiz Galvão, recebeu, pelo decreto de 24-3-1876, a nomeação de Chefe da Seção de

Manuscritos; por diploma imperial (7-12-1882) foi transferido para a Seção de Impressos e Cartas Geográficas e, finalmente, a 30-9-1895, designado para a direção da Biblioteca.

Empossado como Diretor a 19-10-1895, deixou o cargo em 24-3-1900.

João Carlos de Carvalho

Chefe da antiga 1a. Seção e Diretor da 2a. Seção da Biblioteca Nacional, exerceu o cargo de seu Diretor, na administração Teixeira de Melo, de 24-4-1900 a 12-7-1900, quando entrou em exercício M. Cícero Peregrino da Silva (nomeado a 30-6-1900).

Manuel Cícero Peregrino da Silva

n. Recife: 7-7-1866
m. Rio: 3-10-1956

Completou o curso de Direito na Faculdade de Recife (1885), tendo sido Bibliotecário da mesma Faculdade.

Foi Primeiro Vice-Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil; Secretário geral da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, membro da Hispanic Society of America, de Nova York; diretor dos Anais da Biblioteca desde 1900.

Trouxe-o para o Rio o Ministro da Justiça de Campos Sales, Epitácio Pessoa, que o nomeou Diretor da Biblioteca Nacional a 30-6-1900. Sua posse se deu a 13-7-1900; exerceu o cargo até 2-12-1900, quando se ausentou pela primeira vez. Teve o mais largo período de atuação na direção da Biblioteca, que exerceu de 1901 a 1924, com intervalos.

Antônio Jansen do Paço

Logo após a posse de M. Cícero Peregrino da Silva, teve êste de ausentar-se da Direção da Biblioteca Nacional, para a qual fôra nomeado a 30-6-1900; entrou em exercício a partir de 13-7-1900; e se afastou a 2-12-1900. Foi êste o primeiro licenciamento de M. Cícero, tantas vezes chamado pelo Govêrno a outras tarefas. Substituiu-o nesse impedimento, o então chefe da 2a. Seção que, a partir de 3-12-1900, figura como Diretor da Biblioteca Nacional .

Carlos Mariani

Entre os diversos Diretores que substituíram M. Cícero Peregrino da Silva (em sua longa e fecunda administração, de 1900 a 1924, figura como Diretor da Biblioteca Nacional.

Aurélio Lopes de Sousa

n. 1866
m. 1937

A partir de 22 de janeiro de 1914, em que pela primeira vez substitui o Diretor efetivo, M. Cícero Peregrino, daquela data até 19 de abril do mesmo ano, são inúmeras as vêzes em que Lopes de Sousa ascende à direção da casa, (1916; 27-12-21; de 17-12-1922 a 9-4-1923, entre outras); tendo sido signatário de vários relatórios e acabando, inclusive, anos mais tarde, a ser designado, por Portaria de 7-1-1933, como o Substituto normal do Diretor, na administração Rodolfo Garcia.

Basílio de Magalhães

n. S. Jão d El-Rei (M.G.) 14-4-1875 (?)
m. Lambari (M.G.) 1957.

Historiador, político, jornalista. Foi Senador no Estado de Minas, Deputado Federal pelo mesmo Estado; das Academias Mineira e Paulista de Letras; sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do I. H. e Geográfico de S. Paulo.

Assumiu a direção da Biblioteca, como interino, em virtude de impedimento do Diretor efetivo, M. Cícero Peregrino, (e exoneração do Substituto Aurélio Lopes de Sousa), a 2-2-1918. Exerceu-a até a data de 23-4-1919, quando reassumiu o cargo o Diretor efetivo.

Mário Marinho de Carvalho Behring

n. Ponte Nova (M.G.) 1876
m. Rio: 14-6-1933

Engenheiro pela Bahia, jornalista, historiador, foi grão-mestre da Maçonaria do Brasil (rito escocês). A 5-1-1924, foi nomeado Diretor interino, sendo efetivado a 27-2-1924. Em 1925, foi substituído por João Gomes do Rego. Em 1932, de janeiro a junho, por Manuel Cassius Berlink. Exonerou-se a 17-11-1932, cobrindo, portanto, pràticamente, o período de 5-1-1924 a 17-11-1932.

João Gomes do Rego

Também se inclui no honroso rol dos substitutos de Diretor, ao subir ao pôsto no lugar de Mário Behring em 1925, como aparece em seu Relatório de 1926, ano em que, de janeiro a agosto, exerceu interinamente o cargo.

Manuel Cassius Berlink

Diretor substituto, na época da administração Mário Behring. Sua interinidade durou de janeiro a 15 de junho de 1932.

Rodolfo Augusto de Amorim Garcia

n. Ceará-Mirim (R. G. do Norte) 25-5-1873
m. Rio: 14-11-1949

Historiador, jornalista, bacharel em Direito pela Faculdade do Recife; professor em Pernambuco. Membro da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico; autor de obras sôbre a língua tupi; anotou os trabalhos de Capistrano de Abreu. Havia sido, anteriormente, Diretor do Museu Histórico (1930-1932).

Exerceu a direção da Biblioteca Nacional de 17-11-1932 a 17-12-1945.

Rubens Borba de Moraes

n. S. Paulo: 1899

Realizou estudos em Paris e Genebra. Historiador, escritor, colecionador de obras raras sôbre o Brasil. Teve participação ativa no movimento modernista (Semana de Arte Moderna de S. Paulo, 1922). Diretor da Biblioteca Municipal de S. Paulo (1936-1943). Convidado pelo Ministro Marcondes Filho, organiza a biblioteca do Ministério do Trabalho, no Rio.

Em 1948: Membro do Secretariado das Nações Unidas em Nova York. Foi Diretor do United Nations Information Center em Paris e depois da Biblioteca das Nações Unidas em Nova York.

Exerceu o cargo de Diretor da Biblioteca Nacional de 21-12-1945 a 15-12-1947 (já, a partir do Regulamento de 1946, com o título de *Diretor Geral*).

Josué Montelo

n. S. Luís (Maranhão) 21-8-1917

Jornalista e escritor com ampla bagagem de ficção, crítica, etc., (prêmios de teatro, romance, ensaio e crítica da Academia Brasileira). Inspetor Federal do Ensino Comercial (1937). Técnico de Educação (1939). Professor do Curso de Organização de Bibliotecas do DASP (1943). Em 1944, planeja a reforma da Biblioteca Nacional, a convite de Rodolfo Garcia, e estrutura em bases modernas os seus Cursos, dos quais foi Coordenador e logo Diretor. Secretário-Geral do Maranhão. Inaugurou e regeu os Estudos Brasileiros no Peru; em Portugal e na Espanha. Da Academia

Maranhense de Letras e da Academia Brasileira de Letras. Sub-chefe da Casa Civil do Presidente Juscelino Kubitschek. Diretor do Museu Histórico Nacional e do Museu do Palácio do Catete (Museu da República).

Nomeado Diretor Geral da Biblioteca, toma posse a 14-1-1948, exonerando-se a 1-3-1951.

Eugênio Gomes

n. Ipirá (Bahia): 15-11-1897

Jornalista e escritor. Veio da Bahia com o seu renome de ensaísta e crítico perfeitamente consolidado, não apenas no seu Estado natal, mas no País, em cuja imprensa e revistas especializadas apareceram os seus estudos. Trabalhador silencioso, dado à pesquisa séria, tem uma posição de destaque na Crítica Literária, sendo o nome de maior conceito na sua especialidade: a literatura de língua inglêsa e, em particular, Shakespeare. (Sua bibliografia aparece atualizada no vol. XIX da Biblioteca de Divulgação Cultural, série A: Eugênio Gomes: *Visões e Revisões*). E' hoje o Diretor de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa.

Assumiu o cargo de Diretor Geral da Biblioteca Nacional em 8-3-1951, tendo deixado a direção a 8-2-1956. (Durante a viagem de estudos que realizou à Inglaterra, a convite do Conselho Britânico, em 1952, foi substituído no pôsto pelo historiador José Honório Rodrigues).

José Honório Rodrigues

n. Rio: 20-9-1913

Historiador, Bacharel em Direito pela Faculdade Nacional, da Universidade do Brasil. Professor do Instituto Rio Branco e do Ensino Técnico do Estado da Guanabara. Membro da Comissão de Estudo de Textos da História do Brasil, do Itamarati; do Seminário de Estudos Americanos, de Madri; do Comité de Redatores da Revista de História da América e da Comissão Internacional de História (Unesco). Primeiro Prêmio de Erudição da Academia Brasileira de Letras (1937). Pertence, entre outras sociedades de História, ao Instituto Histórico, à Sociedade Capistrano de Abreu, à Academia de Washington, de Utrecht, etc. Inúmeras publicações, especialmente sôbre História do Brasil: livros, opúsculos, ensaios, artigos, edições críticas. E' o atual Diretor do Arquivo Nacional. Foi Diretor da Divisão de Obras Raras e Publicações da Biblioteca Nacional, desde 1946; em várias ocasiões foi Diretor substituto e igualmente Diretor Geral interino da Biblioteca, de 31-10-1952 a 31-12-1952.

Celso Ferreira da Cunha

n. Teófilo Otôni (M.G.): 10-5-1917

Bacharel em Direito e Doutorado em Letras, pela Universidade do Brasil; Professor Catedrático da Faculdade Nacional de Filosofia e do

Colégio Pedro II; Professor de Estudos Brasileiros na Universidade de Paris, Sorbonne.

Medievalista, especializado na Poética Trovadoresca, com estudos e teses sôbre os Poetas dos Cancioneiros, apreciados como exemplares pela crítica internacional.

Deixou a direção da Biblioteca para exercer, como primeiro ocupante do cargo, a Secretaria de Educação do Estado da Guanabara (1960).

Tomou posse do cargo de Diretor Geral da Biblioteca Nacional a 16-2-1956, deixando-o a 27-4-1960.

Cláudio S. de Medeiros Lima

n. Maceió (Alagoas): 26-7-1916

Jornalista, publicista, escritor. Nomeado para a Biblioteca Nacional a 31-1-1946, tomou posse do cargo e entrou em exercício a 16-2-1946, sendo Diretor da Divisão de Circulação. Em várias oportunidades serviu como Diretor substituto, nas ausências ou impedimentos do Diretor Geral, e foi Diretor Geral interino de 28-9-1957 a 7-11-1957.

Marina Monteiro de Barros Rôxo

Iniciou e completou seus estudos secundários no Colégio de Sion, em Petrópolis e no Rio. Diplomou-se pelo Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional e depois fêz a especialização no Curso de Administração do DASP.

Começou a servir à Biblioteca Nacional, a partir de 1948, como Assistente do Diretor Geral Josué Montelo, passando à chefia da Seção e, após, da Divisão de Administração.

Várias vezes tem sido responsável pela direção da Biblioteca, ora como substituta, ora como interina, bastando mencionar-se os últimos períodos em que, como Diretora Geral da Biblioteca Nacional, veio confirmar a sua identificação com a casa a que serve há vários anos com inteligente dedicação: de 10-3-1959 a 10-6-1959; de 28-4-1960 a 29-5-1960 e de 29-5-1960 a 20-7-1960.

Elísio Condé

n. Caruaru (Pernambuco): 8-5-1905

Médico pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, em que se diplomou aos 21 anos. Escritor e jornalista; membro correspondente da Academia Pernambucana de Letras. Fundador, há 12 anos, com seus irmãos, também escritores: João e José, do "Jornal de Letras",

há 4 anos sob sua responsabilidade única. Em 1958, pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, publicou seu estudo "A Urologia e sua História". Representante do Brasil em Congressos Internacionais (Chile, Argentina, etc.) e nacionais (Rio, Recife, Bahia) com teses e comunicações próprias. Chefe de Clínica no Hospital Pedro Ernesto, do Estado da Guanabara; membro titular do Colégio Internacional de Cirurgiões, do Instituto Brasileiro de História da Medicina, da Academia Pan-Americana de História da Medicina, da Sociedade Brasileira de Urologia. Prêmios: da "Prefeitura, Est. S. Paulo" (em conjunto com João e José Condé) 1955; "Jornal do Comércio", Rio, 1598; "Machado de Assis", da Academia Brasileira de Letras, 1959. Medalhas: "Guararapes", do Estado de Pernambuco; do "Tricentenário da Restauração Pernambucana", 1954; "Pirajá da Silva", do Ministério da Saúde.

Nomeado Diretor Geral da Biblioteca Nacional a 21.7.1960.

ADONIAS AGUIAR FILHO (1961-71)

JANICE DE MELO MONTE-MÓR (1971-79)

PLÍNIO DOYLE SILVA (1979-82)

CELIA RIBEIRO ZAHER (1982-84)

MARIA ALICE GIUDICE BARROSO SOARES (1984-)

ORGANIZAÇÃO GERAL

A. A Biblioteca Nacional é uma repartição federal, subordinada ao Ministério de Educação e Cultura e a sua última reorganização se fêz por iniciativa do Diretor Rubens Borba de Morais através dos seguintes diplomas:

Decreto-lei n. 8.679, de 18-1-1946: Decreto-lei n. 8.825, de 24-1-1946; Decreto n. 20.478, de 24-1-1946; Decreto-lei n. 9.617, de 21-8-1946.

B. Os mais importantes atos oficiais anteriores que regiam a sua vida, no curso dêstes 150 anos, foram, em ordem cronológica, os seguintes:

1. — Estatutos da Real Biblioteca publicados em 1821.

2. — Decreto de 13 de setembro de 1824, que manda pôr em execução os "Artigos Regulamentares para o regimen da Biblioteca Imperial e Pública" (organizados por Frei Antônio de Arrábida).

3. — Regulamento baixado por decreto imperial, de 4-3-1873, contendo reformas e dando novo Regimento à Biblioteca.

4. — Decreto imperial de 4 de março de 1876, com a nova reforma pleiteada por Ramiz Galvão.

5. — Reforma em virtude da Proclamação da República, pelo Decreto de 13-10-1890, do Govêrno Provisório, sendo Ministro da Instrução Pública Benjamin Constant (Administração Bittencourt Sampaio).

6. — Decreto n. 1.195, de 28-12-1892 (Direção de Mendes da Rocha; período *Floriano Peixoto*).

7. — Novo Regulamento, pelo Decreto n. 1.766, de 8-8-1894 (Administração de Raul Pompéia; igualmente período de *Floriano Peixoto*).

8. — Decreto nº 8.835, de 11-6-1911, contendo Novo Regulamento e criação do Curso de Biblioteconomia (Diretor: Cícero Peregrino; na presidência *Hermes da Fonseca*).

9. — Decreto 15.670, de 6-9-1922. — Novo Regulamento (Administração Cícero Peregrino; na presidência *Epitácio Pessoa*).

10/11. — Decreto-lei n. 6.440, de 27-4-1944 e Decreto n. 15.395, de 27-4-1944. (Regulamentação dos Cursos).

12/13. — Decreto-lei n. 6.732, de 24-7-1944 e Decreto n. 16.167, de 24-7-1944 (Novo Regimento).

14/17. — Legislação de 1946 (Verificar, nesta parte, a letra *A*).
18. — Lei n. 488, de 15-11-1948.
19. — Decreto n. 48.108, de 13-4-1960.

C. Nos têrmos dos dispositivos legais em vigor, aprovado o Regimento da Biblioteca Nacional através do Decreto n. 20.478, de 24-1-1946 (verificar, nesta parte, a letra *A.*) a sua constituição é, em resumo, a seguinte:

FINS DA BIBLIOTECA NACIONAL:

1. Manter, conservar e enriquecer o seu acervo bibliográfico, assim como:
   a) o Curso de Biblioteconomia;
   b) o serviço de coleta das publicações de entrega obrigada por lei.
2. Promover, pelos meios ao seu alcance, a divulgação da cultura.

ORGANIZAÇÃO

Para atender às suas finalidades, a Biblioteca é dirigida por um Diretor-Geral subordinado imediatamente ao Ministro de Educação e Cultura e está constituída por quatro Divisões, mais o Curso de Biblioteconomia e o Serviço Auxiliar, abrangendo êste último a Secção de Administração, a Portaria e a Zeladoria.

As quatro Divisões compreendem, respectivamente:

I — *Divisão de Aquisição*:

a) Seção de Compras;
b) Seção de Contribuição Legal;
c) Seção de Permuta Internacional;
d) Seção de Encadernação.

II — *Divisão de Catalogação*:

a) Seção de Classificação;
b) Seção de Catalogação;
c) Seção de Manutenção dos Catálogos.

III — *Divisão de Circulação*:

a) Seção de Leitura;
b) Seção de Publicações Periódicas;
c) Seção de Publicações Oficiais;
d) Seção de Referência Geral;
e) Seção de Conservação.

IV — *Divisão de Obras Raras e Publicações*:

a) Seção de Livros Raros;
b) Seção de Iconografia;
c) Seção de Manuscritos;
d) Seção de Publicações;
e) Seção de Microfilmes.

D. O Decreto n. 48.108, de 13-4-1960, permitiu o novo agrupamento de Seções, a transformação dos Serviços Auxiliares em Divisão de Administração e a estrutura por Divisões, numa disposição mais racional e de maior rendimento, como nos casos da Divisão de Publicações e Divulgação (Seções de Exposições, de Publicações, de Divulgação, de Ecdóctica); da Divisão de Administração (Seções de Pessoal, de Material, de Orçamento, de Conservação do Patrimônio, mais a Portaria e a Zeladoria); da Divisão de Bibliopatologia (Seções de Restauração e Recuperação, de Conservação, de Ciência Aplicada e Pesquisas); bem como na fixação de Seções cuja importância vinha crescendo com o desenvolvimento da Biblioteca, tais, por exemplo, como a Brasiliana, a de Música e Arquivo Sonoro, etc.

ACERVO E ATIVIDADES
(POR SEÇÕES)

I. DIVISÃO DE OBRAS RARAS

1. SEÇÃO DE MANUSCRITOS

Nota Histórica

Juntamente com as obras impressas, vieram para o Brasil, quando da mudança da Côrte portuguêsa, numerosos documentos manuscritos pertencentes *à Biblioteca do Rei* e à *Casa do Infantado,* ou seja, aos dois grandes acervos que constituíam a *Real Biblioteca.* Dessa forma, vê-se que a Seção de Manuscritos existe desde o primeiro instante da atual Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Embora, quando da volta de D. João VI a Portugal, grande parte daquelas coleções houvesse retornado à Península, não foram poucos nem menos valiosos os documentos ficados no Rio de Janeiro. Obras históricas, papéis diplomáticos, originais literários, coleções epistolares, etc., enriqueciam sobremodo o fundo manuscrito da mais importante Biblioteca americana de então.

Já no seu primeiro ano de existência em terras brasileiras, recebe a Real Biblioteca o primeiro contingente de manuscritos particulares: a coleção botânica de Frei José Mariano da Conceição Veloso (*Flora Fluminensis*), sucedendo-se então as doações e compras que lentamente aumentavam o patrimônio da Seção de Manuscritos: do arquiteto José da Costa e Silva, do Conde da Barca, de José Bonifácio de Andrada e Silva. Na segunda metade do século XIX fazem-se aquisições de vulto extraordinário: a coleção Pedro de Angelis, a *Flora Pará-Maranhensis* do naturalista Correia de Lacerda, os trabalhos de Alexandre Rodrigues Ferreira, etc.

Em 1876 reorganiza-se a Seção. Chamada até então *Arquivo* e depois *Gabinete dos Manuscritos,* passa a *Seção de Manuscritos,* como decorrência da reforma que no estabelecimento empreendera o dinâmico diretor Ramiz Galvão; chefia-a a partir dêsse momento e até fins de 1882 o Dr. Teixeira de Melo — funcionário dos mais cultos e operosos que pela chefia da Seção de Manuscritos já passaram. Vem de tal época a modernização do catálogo público.

Alfredo do Vale Cabral, que sucedeu a Teixeira de Melo, foi outro grande nome na história da Seção: destacou-se como pesquisador e orga-

nizador dos serviços internos, sendo um dos melhores esteios da direção da Biblioteca Nacional nos dois grandes cometimentos de fins do século passado: a Exposição de História do Brasil e a Exposição Permanente dos Cimélios, em cujos catálogos pôs o melhor de sua inteligência, de sua cultura e de seu amor ao trabalho.

No correr do século XX enriqueceu-se constantemente o acervo da Seção de Manuscritos: obras avulsas, grandes coleções particulares, autógrafos preciosos, documentos históricos, raros ou curiosos tornaram inestimável o patrimônio manuscrito da Biblioteca Nacional.

Acervo

Podemos arrolar entre as coleções e peças avulsas de mais valia da Seção as seguintes:

1. Col. Alexandre Rodrigues Ferreira (botânica)
2. Arquivo da Casa dos Contos (farto material procedente de Minas Gerais e relativo à Inconfidência Mineira)
3. Col. Pedro de Angelis (referente às repúblicas sul-americanas)
4. Col. Rio Branco (documentação oriunda dos arquivos paraguaios)
5. Col. Freire Alemão (botânica)
6. Col. Augusto de Lima (história)
7. Col. de livros de horas, missais e graduais (sécs. XIV-XVII)
8. Col. de cartas dos padres jesuítas (Anchieta, Manuel da Nóbrega, etc.)
9. Avulsos históricos (Autógrafos da Lei Áurea; idem do decreto de Abertura dos Portos, etc.)
10. Autógrafos literários de escritores nacionais e estrangeiros (Castro Alves, Pôrto-Alegre, Goethe, Lamartine, etc.)

LOCALIZAÇÃO: Ala direita do 3º pavimento.
HORÁRIO: Das 12 às 17 horas.
TELEFONE: 42-3495.

2. SEÇÃO DE LIVROS RAROS

A Seção de Livros Raros compõe-se de várias coleções de real valor bibliográfico e histórico.

Entre o grande número de obras raras, distribuídas em 125 estantes, ressaltamos as seguintes, como exemplo de raridade, ou de valor histórico para o Brasil:

SECULO XV (Incunábulos)

* 1. — BIBLIA. Latim. 1462 (Biblia de Mogúncia) — Mobuntiae J. Fust, et. Pt. Schoefher.
(É o primeiro livro impresso que traz o local, a data e o nome do impressor)

SECULO XVI

2. — JUVENAL — Ivvenalis. Pergivae. Venetiis, Aldue, 1501.

* 3. — HERODOTUS — [Venetiis, Aldus Manutius, 1502 (texto em grego., 1ª ed.) Pertenceu a Sir W. Hor. Carwford.

4. — HOMERUS — Opera graecae... Venetiis, in aedibus Aldi (1504) 2 vols. (Col. Lima Barbosa)

* 5. — QUINTILIANUS — De institutione oratoria. [Florentiae, Philippi Juntae, 1515]

* 6. — MARTIN FERNANDEZ DE ENCISO — Suma de Geographia. Sevilla, J. Cromberger, 1519. (Col. Ben. Ottoni)

* 7. — XISTO FIGUEIRA — Arte de rezar. [Salamanca, Lorenço de Leõ, 1521]

* 8. — SACRO BUSCO — Opusculũ de sphera mũdi. Apud Nichaelem de Eguis, 1526

* 9. — ERASMUS — De civilitate morvm... Antuerpise, Michaeles Hellenium, 1530.

*10. — BIBLIA DE FERRARA. 1531.

*11. — JOÃO DE BARROS — Asia. — Dialogos. — Grammatica... — Rhopicapneuma... — (tôdas estas obras em 1ª edição) — Lisboa, Germão Galhardo, 1532-53.

*12. — PEDRO NUNES — Tratado de esfera. [Lisboa, Germão Galhardo, 1537]

13. — DAMIÃO DE GOES — Commentarii... Louanis, Rutgerii Rescij, 1539.

*14. — PEDRO DE MEDINA — Arte de Naueger... [Valladoilid, Francisco Fernandez de Cordova, 1545]

15. — SABELICO — Cronica de Marco Antonio [Coymbra, João de Barreyra, 1550]

16. — FUCHS, Lenhoard — ... de Humani corporis fabrica ex Galenii & Andreae Vesatii libris concinnatae... Tubingai, 1551

*17. — VOLTERRA MAFFEI — Commentariorvm... Lugdvm, Sebas. Gryphium, 1552.

*18. — DIOGO AFFONSO — Vida & milagras da Gloriosa Raynha sancta [Coymbra, por Ican da Barreira, 1560]

19. — THOMAS MERCADO — Tratos y contratos... Em Salamanca, Mathias Gaet, 1569.

20. — LUIZ DE CAMÕES — Os Lusiadas. Lisboa, A. Gonçalves Impressor, 1572 (1ª ed.)

21. — CARTAS DO IAPAN (Jesuiticas), Lisboa, Simão Lopes, 1593

22. — HAKLUYT, Richard — The principal navigationes, etc... London, George Bishop Newberie and Barker, 1598-1600. 2 v. (Col. Ottoni)

SÉCULO XVII

*23. — GRAMMATICA Y ARTE DE LA LENGUA GENERAL DE TODO EL PERÚ. Cima [ciudad de los Reyes, Francisco Canto, 1607]

*24. — GOMES DE SANTO ESTEVÃO — Livro do infante D. Pedro de Portugal. Lisboa, Domingos Carneyro, 1644.

*25. — BARTOLOMÉ DE LAS CASAS — Obras del Olispo... Barcelona, Antonio de La caualleria, 1646 (1ª ed.) (Col. Ben. Ottoni).

SÉCULO XVIII

*26. — P. MANOEL FERNANDES — Meditações — Nova Floresta (em 1ª ed.) (1706-08)

27. — BERNARDO LOR NATES (Frei) — Katecismo unico da lingua Kariri. Lisboa, Valentim da Costa Deslandes, 1907.

28. — RELATIO SEPULTURAL. Magno Orientis Apostolo, S. Francisco Xavier erectae in Insula Sanciono anno saeculri, 1700

Nota

A Biblioteca Nacional conta com obras raras e preciosas sôbre todos os assuntos, num total de 5.000 volumes, aproximadamente, (entre livros e folhetos) não incluindo a valiosa coleção dos primeiros impressos da Régia Oficina e da Tipografia Nacional (1822-1889)

Periódicos

Entre periódicos raros chamamos a atenção para:

JOURNAL HISTORIQUE. Paris, 1730-62

MERCURE FRANÇOIS. Paris, Estienne Richer, 1596-1646. (Col. Ben. Ottoni)

SUITE DE LA CLEF, ou JOURNAL HISTORIQUE, ou JOURNAL HISTORIQUE SUR LES MATIÈRES DU TEMPS. Paris, 1726-1729. Tomos 1926

EL PARAGUAIO INDEPENDENTE. 1845-52.
MERCURIO PERUANO. Lima. Impr. Real. 1791-95. 12 tomos.
GAZETA DE LISBOA. 1715-1833 (115 vols).
MERCURIO PORTUGUES. 1663-67
O PADRE AMARO. 1820-25
MEMOIRES POUR L'HISTOIRE DES SCIENCES ET DES BEAUX ARTS. Paris. 1701.
LE NOUVELLISTE ECONOMIQUE E LITTERAIRE. Haye, 175

LOCALIZAÇÃO: 3º pavimento, centro.
HORÁRIO: Normal da Biblioteca.
TELEFONE: 32-6616.

3. SEÇÃO BRASILIANA

Função

À Seção Brasiliana compete:

I — conservar e manter franqueada à consulta do público a coleção de livros (antigos e modernos) referentes ao Brasil, particularmente sobre: história, literatura e sociologia;

II — zelar pela conservação da referida coleção e impedir a sua circulação, salvo ordem expressa do Diretor Geral.

Acervo

Do seu importante acervo (pertencente, anteriormente à Seção de Livros Raros), destacamos pela sua raridade e valor histórico para o Brasil as seguintes obras:

A. *SECULO XV* (Incunábulos)

I. — CRISTOFORO COLOMBO — Epistola Christofori Colon... [Roma, Stephani plank, 1493]

Nota

Entre 18 Incunábulos, alguns em perfeito estado de conservação.

B. *SECULO XVI*

1. — VESPUCCI, Quattuor Americ Vesputij... [Argentoracos... Jo. adel. Mulicho, 1509]

2. — FRACANZANO DA MONTALBODDO — Paese nouamente retrati... Vicentia, Henrio Vicentino, 1507. (Encadernação de Hardy Mennil. — Col. Ben. Ottoni).

3. — PIETRO MARTIRE D'ANGUIERA — Libro primo [secondo & ultimo] della histori de l'Indie Occidentale. Vinegia, 1534 (Encadernação de Beford. — Col. Ben. Ottoni).

4. — VILLEGAGNON — De Bello Melittensi & eius euntu fracois imposito ad Carolũ Caesarem V. Parisii, apud Carolvm Stepnanũ, 1553. (Encadernação W. Pratt).

5. — JOSÉ DE ANCHIETA — Arte da Grammatica da lingua mais vsada na costa do Brasil. Coimbra, per Antonio de Maris, 1599. (Col. Teresa Cristina Maria).

6. — JEAN DE LÉRY — Histoire d'un voyage fait on la terre dv Brésil. La Rochelle, Antoine Chuffin, 1578. (1ª ed.).

C. *SÉCULO XVII*

7. — BENTO TEIXEIRA PINTO — Naufragio que passou Jorge de Albuquerque Coelho... Prosopopea. Lisboa, Antonio Alvares, 1601.

8. — LUIZ FIGUEIRA (padre) — Arte da lingua brasilica... Lisboa, Manoel da Silva [1621] (1ª ed. encadernado em pergaminho. Aquisição de 1954).

9. — TAMAYO DE VARGAS — Restavracion de la civdad del Salvador. Madrid, Alonso Martin, 1628.

10. — LUIZ DE MONTOYA (padre) — Tesouro de la lengva gvarani. Madrid, Iuan Sanchez, 1639.

11. — JORGE RODRIGUES — Relaçam da aclamaçam que se fez na capitania do Rio de Janeiro... ao Sr. rey D. João IV. Lisboa, D. Alvares, 1641.

12. — GASPAR BARLEUS — Rervm per octiniva in Brasilia... Amestelodami. Ex. Typ. Ioannis Blaev, 1647.

13. — JOÃO FERREIRA DA ROSA — Tratado unico da constituição pestilencial de Pernambuco. Lisboa, Miguel Manescal, 1694. (Primeira notícia impressa sôbre a Febre amarela no Brasil).

D. *SÉCULO XVIII*

14. — ANTONIL — Cultura e opulencia do Brasil... Lisboa, Officina Real deslandiana, 1771. 1ª ed. (Livro interessantíssimo para os estudiosos da economia no Brasil).

15. — SIMÃO MARQUES — Brasilia Pontificia. Lisboa, Miguel Rodrigues, [1749].

16. — ANTONIO DO ROSARIO (frei) — Frutas do Brasil. Lisboa, Na Officina de Antonio Pedroso Galram, 1702.

17. — LUIS ANTONIO ROSADO DA CUNHA — Relação da entrada que fez... D. Dr. Antonio do Desterro Malheyro, bispo do Rio de Janeiro... Rio de Janeiro, Na segunda Officina de Antonio Izidoro da Fonseca, 1747.

18. — SIMÃO FERREIRA MACHADO — Triumfo Eucharistico. Lisboa, Occidental, na Officina da Musica, 1734.

Nota

Ainda dêste século, copiosa coleção de Sermões portuguêses e brasileiros, impressos nas principais tipografias de Portugal.

E. *SÉCULO XIX*

19. — GRAHAM — Journal of a voyage to Brasil. London, Longman [etc] 1824.

20. — DEBRET — Voyage pittoresque et historique au Brésil. Paris, Didot, 1834-39.

21. — RUGENDAS — Voyage pittoresque dans le Brésil. Paris, Engelmann, 1835.

22. — MARTIUS — Flora brasiliensis... 1840-1906.

LOCALIZAÇÃO: Funciona, provisòriamente, junto à Seção de Livros Raros, no 3º pavimento, centro.
HORÁRIO: De 2ª a 6ª feira — de 11 às 17 horas; aos sábados — de 10 às 12 horas.
TELEFONE: 32-6616.

4. SEÇÃO DE ICONOGRAFIA

Nota Histórica

A Seção de Iconografia foi fundada por ocasião da reforma da Biblioteca Pública da Côrte, em 1876, com o nome de Seção de Estampas

e tinha por finalidade selecionar, identificar, catalogar e conservar as estampas herdadas da Real Biblioteca e as peças que posteriormente foram juntadas a êsse acervo.

Iniciados nessa ocasião os trabalhos especializados, a reforma em 1946 reuniu na Seção de Iconografia as duas seções anteriores de Mapas e Estampas, ficando o seu acervo constituído de: estampas e desenhos originais; a coleção de livros referentes a belas-artes e bibliografias especializadas; documentação iconográfica sobretudo relativa ao Brasil; mapas e atlas.

Acervo

Destacam-se entre os mais valiosos documentos:

A. Na parte de estampas

1) a coleção de retratos de Diogo Barbosa Machado, da Real Biblioteca;
2) a coleção de estampas em 130 álbuns, "Le Grand Théâtre de l'Univers" e a "Coleção de antiguidades Romanas e Gregas" provenientes da biblioteca do Conde da Barca, incorporada ao patrimônio desta casa em 1822;
3) quatro volumes de estampas gravadas na "Officina calchographica, typoplastica e litteraria do Arco do Cego", em Lisboa, extinta em 1801. (A Seção possui muitas das chapas originais em cobre, recebidas em 1813);
4) valiosa coleção de desenhos originais, sobretudo da escola italiana, a maioria dos séculos XVI e XVII;
5) estampas originais de famosos mestres das escolas européias, destacando-se entre muitos: Albrecht Dürer, Stefano Della Bella, Jacques Callot, Marco Antonio Raimondi, Manoel Marques Aguilar e, entre os brasileiros: Carlos Oswaldo Goeldi, entre outros;
6) documentação iconográfica brasileira: litografias do século XIX e águas-fortes do período da dominação holandesa; álbuns de desenhos originais de viajantes dos séculos XVIII e XIX que fixaram aspetos e costumes de nosso país.

B. Na parte geográfica:

1) a coleção de mapas de Diogo Barbosa Machado, da Real Biblioteca;
2) uma das *cópias originais* do Mappa das Cortes: "Mappa dos confins do Brasil com as terras da coroa de Espanha na America Meridional" 1749;

3) limites do Brasil pelo tratado de 1750 "Mappa geographicum que Flumen Argenteum, Paraná et Paraguay . . ." da autoria do astrônomo Miguel Ciera, códice original;

4) João Teixeira: "Descrição de toda a costa da Provincia de Santa Cruz a que vulgarmente chamam Brasil" 1642; *cópia original* do códice existente na Biblioteca da Ajuda;

5) cópia do mapa em 15 fôlhas "Terra de Santa Cruz a que vulgarmente chamam Brasil" de João Teixeira, século XVII;

6) os atlas de Ptolomeu, edições de 1486 e 1513;

7) a obra de Ortellius: Teatro del orbe de la tierra, 1612;

8) as coleções de facsímiles de cartografia. Obras de: Nordenskjold, Visconde de Santarém, Jomard, Marcel;

9) plantas de praças fortes de possessões portuguêsas, do século XVII;

10) os cadernos originais de apontamentos do Barão de Ladário, que serviram de base para a publicação da obra "O Rio Amazonas no Brasil";

11) atlas e relatórios da exploração do Rio São Francisco, por H.G.F. Halfeld;

12) a coleção de mapas pertencentes ao trabalho "Frontières entre le Brésil et la Guyanne Française" do Barão do Rio Branco, sôbre a famosa questão de limites.

Nota

Para dados mais completos sobre o histórico e catalogação das peças encontradas na Seção de Iconografia, consultem-se:

Catálogo da Exposição permanente de cimélios da Biblioteca Nacional, 1885;

Catálogo da Exposição de História do Brasil, 1881.

Para as obras que, depois dessas datas, se incorporaram ao acervo, consultem-se os catálogos da Seção de Iconografia, em reorganização.

LOCALIZAÇÃO: Funciona no 2º pavimento, centro.
HORÁRIO: Aberta ao público diàriamente de 11,30 às 16,45 e aos sábados de 10 às 11,45.
TELEFONE: 52-3357.

5. SEÇÃO DE MICROFILMES

Atividades

A Seção de Microfilmes realiza:

a) a microfilmagem das obras pertencentes à Biblioteca Nacional que se encontram em mau estado de conservação; dos livros raros, das peças únicas e das de constante consulta;

b) a permuta e intercâmbio com outras bibliotecas, centros de documentação e instituições culturais;

c) a divulgação do seu acervo cultural.

Em continuação ao programa estabelecido em 1955 para a realização de intercâmbio de microfilmes com instituições nacionais e estrangeiras, faz permuta com universidades americanas e centros de documentação da Europa, como no caso da Universidade da Califórnia e do Arquivo Histórico Ultramarino, que já forneceram, por troca, documentação preciosa e inexistente nos arquivos brasileiros sôbre as cidades do Rio de Janeiro (1614-1709) e Bahia (1599-1700).

Facilita ao público o acesso a peças raras e únicas, (tais como incunábulos, códices, manuscritos, gravuras, etc.) e a outras entidades culturais a foto-reprodução dessas peças.

Acervo

Entre as principais peças do acervo em microfilme, figuram:

Bíblia de Mogúncia (1462);

Diálogo e Cartinha de João de Barros

Os Lusíadas (edições de 1572 e 1595).

Arte da língua brasílica de frei Luís Figueira (1621?);

Vida & Milagres de Diogo Afonso, séc. XVI;

Naufrágio de Bento Teixeira Pinto (1601);

História da Província de Santa Cruz, de Pero de Magalhães Gandavo (1576);

Obras de Alexandre Rodrigues Ferreira, textos medievais portuguêses obtidos em bibliotecas portuguêsas e espanholas, códices alcobacenses, manuscritos alemães sôbre o Brasil, trechos de obras relativas aos holandeses em Pernambuco (século XVII);

Partituras musicais originais, do padre José Maurício Nunes Garcia, Alberto Nepomuceno, Henrique Oswaldo, Francisco Mignone, Vila Lobos e outros.

LOCALIZAÇÃO: 3º pavimento — centro.
Laboratório: 1º pavimento — ala direita.
HORÁRIO: Das 11 às 17 horas.
TELEFONE: 52-3681.

SEÇÃO DE ACERVO RESULTANTE DE CONVÊNIOS INTERNACIONAIS

Função

Sua finalidade principal é receber e organizar, para consulta, o acervo resultante de convênios com Organismos Internacionais tais como:

Organização das Nações Unidas (ONU) e suas principais Agências (FAO, UNESCO, OMS, FISI) e também a Organização dos Estados Americanos (OEA) e União Panamericana.

A Biblioteca Nacional é depositária oficial das publicações da ONU, e assim recebe, por intermédio da SCI, como acervo principal, os Documentos Oficiais relativos às Sessões da Assembléia Geral com suas diversas Comissões, bem como os dos Conselhos: de Segurança, Econômico e Social, e de Tutela.

Embora já existisse o serviço, só agora se está centralizando, após o Decreto n. 48.108, com o recolhimento das publicações antes distribuídas pela Divisão de Catalogação e Seção de Periódicos.

LOCALIZAÇÃO: No 2º pavimento, centro.
HORÁRIO: Das 11 às 17 horas.
TELEFONE: 52-3357.

II. DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO

Nota Histórica

Reunindo a Seção já existente de Publicações e dando categoria igual aos três serviços cujo desenvolvimento impunha aquela equiparação e reclamava supervisão única, organiza-se a Divisão, com apoio no Decreto nº 48.108, de 13-4-1960, compreendendo as seguintes Seções:

1º — Seção de Publicações
2º — Seção de Divulgação
3º — Seção de Ecdótica
4º — Seção de Exposições

LOCALIZAÇÃO: 3º pavimento, ala direita e 2º pavimento, centro.
HORÁRIO: Normal da Biblioteca.
TELEFONE: 42-3595.

1. SEÇÃO DE PUBLICAÇÕES

A. São as seguintes as Publicações do Ano do Sesquicentenário (1960):

I. *Em circulação*:

(Ver a Relação, constante da parte do Programa do Sesquicentenário, neste mesmo Guia).

II. *Em impressão*:

1. Anais. vol. 76 (1956) — Notícia da conquista e descobrimento dos sertões do Tibagi.
2. Anais. vol. 77 (1957) — Biblioteca exótico-brasileira, por Alfredo de Carvalho. Prefácio, biografia e bibliografia por José Honório Rodrigues.
3. Anais. vol. 79 (1959) — Desenhos Italianos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Gilberto Ronci) — Bibliografia de Shakespeare.
4. Catálogo ... dos livros sôbre o Brasil ... (J. C. Rodrigues). I. Parte impressa. Reedição, com revisão e notas do Prof. Eládio Ramos. II. Parte inédita.
5. Catálogo dos incunábulos da Biblioteca Nacional. Suplemento.
6. Catálogo da Exposição do livro brasileiro contemporâneo, em Assunção.
7. Catálogo da Exposição do 1º Congresso brasileiro de crítica e história literária.
8. Figurinos do Rio de Janeiro e Serro Frio — Século XVIII.
9. Gramatica da língua portuguesa com os mandamentos da Santa Madre Igreja (Cartinha de João de Barros). Lisboa, 1539. Ed. facsimilar.
10. Manuscritos da Colcção de Ângelis. vol. III — Jesuítas e bandeirantes no Tape. Parte I.
11. Manuscritos da Coleção de Ângelis. vol. VII — Do Tratado de Madri à conquista dos 7 Povos (1750-1802).
12. Separatas dos Anais do Congresso de língua falada no teatro.
13. Simpósio de Filologia Românica.

III. *Em preparação*:

1. Almanak geral do Imperio do Brasil, publicado por Sebastião Fabregas Surigué no anno de 1836. Prefácio de Otávio Tarquínio de Sousa. Ed. facsimilar.
2. Catálogo da Exposição comemorativa do sesquicentenário da fundação da Biblioteca Nacional e cinqüentenário de sua instalação na atual sede.
3. Catálogo da Exposição do livro brasileiro contemporâneo, em Paris.

4. Catálogo da Exposição do livro brasileiro contemporâneo, em Roma.

5. Documentos Históricos. vol. 111-112 — Memorias de la expedición de los 33 al mando del General D. Juan Antonio Lavalleja, para expulsar a los Portugueses de la Banda Oriental. 1825.

6. Documentos Históricos. vol. 113-114 — Correspondência passiva do Senador José Martiniano de Alencar.

7. Manuscritos da Coleção de Ângelis. vol. IV — Jesuítas e bandeirantes no Tape. Parte II.

8. Memória histórica e Guia da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

9. Anais. vol. 78 (1958) — Correspondência passiva de Coelho Neto — Catálogo das Bíblias.

10. Anais. vol. 80 (1960) — Relação dos Vilancicos da Coleção Barbosa Machado.

B. Algumas publicações de maior importância, anteriores a 1960:

I. — *Publicações periódicas*:

1. *Anais da Biblioteca Nacional.* 1876-1955. 75 v.
   — Publicação iniciada sob a direção de B. F. Ramiz Galvão em 1876, de conformidade com um preceito regulamentar.
   — O índice, no vol. 70, de 1950, do qual existe separata, compreende a matéria até então publicada.

2. *Boletim bibliográfico.* 1918-1921; 1931; 1938; 1945; 1951-1959.
   — A publicação teve início na administração Cícero Peregrino.

3. *Documentos históricos.* 1928-1955. 110 v.
   — Publicação destinada a divulgação do texto dos documentos pertencentes ao acervo da Biblioteca Nacional. Teve início em 1928, na administração Mário Behring.

4. *Relatórios dos Diretores da Biblioteca Nacional.* 1896-1943. 45 v.

II. — *Separatas dos Anais e publicações eventuais*:

1. Almanaque da cidade do Rio de Janeiro para os anos de 1792 e 1794.

2. Anchieta, José de. Arte de grammatica da lingua mais usada na Corte do Brasil. Rio de Janeiro, 1933. Edição facsimilada da que foi publicada em Coimbra. 1595.

3. Andrada e Silva, José Bonifácio de. Cartas Andradinas. 1890. Correspondência dos três Andradas com Menezes Drummond. (Anais v. 14)

4. Barbosa Rodrigues, J. Poranduba amazonense. (Anais v. 14).

5. Boletim das aquisições mais importantes, 1886-1888.

6. Borges da Fonseca, A. J. Victoriano. Nobiliarchia pernambucana. 1935. 2 v. (Anais, v. 47-48).

7. Castro e Almeida, Eduardo de. Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Archivo de Marinha e Ultramar de Lisboa. 1913-51. 9 v. (Anais, v. 31, 32, 34, 36, 37, 39, 46, 50 e 71).

8. Catálogo da coleção camoniana da Biblioteca Nacional. 1876-78.

9. Catálogo da Exposição de História do Brasil realizada pela Biblioteca Nacional ... a 2 de dezembro de 1881. Em 2 vols. e um suplemento. Organizado na administração de B. F. Ramiz Galvão. (Anais, v. 9).

10. Catálogo da Exposição Permanente dos Cimélios da Biblioteca Nacional (Edição em papel comum e especial). (Anais, v. 11).

11. Catálogo de incunábulos da Biblioteca Nacional. 1956. Organizado pela Divisão de Obras Raras e Publicações da Biblioteca Nacional.

12. Catálogo dos manuscritos da Biblioteca Nacional. 1878-1901. Seis tomos, em 5 v. Sòmente parte I. Brasil em geral.

13. Catálogo dos retratos coligidos por Barbosa Machado. 1889-1904. 8 v. (Anais, v. 16-18; 20-21, 26).

14. Eu, Chateau d'. Inventário dos documentos históricos da Casa Imperial do Brasil, no Castelo d'Eu em França. Organizado por Alberto Rangel. (Anais, v. 54-55).

15. A Inconfidência mineira (autos de devassa). 1936-38, 7 v.

16. Mamiani, Luiz Vincencio. Arte de grammatica da lingua Kiriri. 1877.

17. Manuscritos da Coleção De Ângelis. Edição de Jaime Cortezão. Publicados os volumes:

I: Jesuítas e bandeirantes no Guairá. — II: Jesuítas e bandeirantes no Itatim. — V: Tratado de Madri — Antece-

dentes — Colônia do Sacramento. — VI: Antecedentes do Tratado de Madri — Jesuítas e bandeirantes no Paraguai.

18. Mirales, José de. História Militar do Brasil desde o anno de mil quinhentos e quarenta e nove até o anno de 1792. 1900. (Anais, v. 22)

19. Theremin, Wilhelm Karl. Saudades do Rio de Janeiro. 1835. Edição da Biblioteca Nacional. 1949.

20. Vicente do Salvador, frei. História do Brasil, escripta na Bahia. 1885-1886. (Anais, v. 13)

21. (9) Nove Separatas da DECIMALIA. 1959.

LOCALIZAÇÃO: 3º pavimento, ala direita.
HORÁRIO: Normal da Biblioteca.
TELEFONE: 42-3495.

2. SEÇÃO DE EXPOSIÇÕES

Função

Cabe à Seção de Exposições:

a) planejar e organizar as exposições internas;

b) selecionar os livros;

c) confeccionar o catálogo para as exposições internas e no exterior.

Acervo

Livros impressos no Brasil (particulares e oficiais).

Exposições

Figurando já, na parte dêste Guia, dedicada ao Sesquicentenário, a relação das Exposições realizadas durante o ano de 1960, recordamos aqui sòmente as mostras e catálogos pioneiros dessa atividade na vida da Biblioteca Nacional:

1. Exposição do Tricentenário da morte de Camões (10-6-1880) e CATÁLOGO da coleção camoniana da Biblioteca Nacional. 1876-78 (*Anais,* v. 1-3)

2. Exposição e CATÁLOGO de Exposição de História do Brasil realizada pela Biblioteca Nacional — a 2-12-1881 (2 v. e 1 supl. — *Anais,* v. 9)

3. Exposição permanente de cimélios da Biblioteca Nacional e respectivo catálogo — 1885. (*Anais*, v. 11).

LOCALIZAÇÃO: 2º pavimento, centro.
HORÁRIO: Das 11 às 17 horas.
TELEFONE: 52-3357.

III. DIVISÃO DE CIRCULAÇÃO

1. SEÇÃO DE LEITURA

Atividades

Em funcionamento desde a criação da Biblioteca e efetivamente desde que, em 1814, a casa foi franqueada ao público, a Seção de Leitura, da Divisão de Circulação, segundo o Regulamento em vigor, tem a seu cargo:

I — fiscalizar os trabalhos das salas de leitura;

II — controlar o material dado a consulta.

Compreende o Salão de Leitura e Armazéns, com seis andares de livros; conta com 230 mesas à disposição dos leitores, e o total de livros consultados é, em números redondos, de 150.000 por ano.

LOCALIZAÇÃO: 2º pavimento, ala esquerda.
HORÁRIO: das 10 (da manhã) às 24 horas.
TELEFONE: 52-3357.

2. SEÇÃO DE PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

Histórico

A Seção de Publicações Periódicas da Biblioteca Nacional foi criada pelo Decreto 15.670 de 6/1/1922, que separou as publicações periódicas do acervo geral.

Atividades

Compete à Seção de Publicações Periódicas:

a) manter organizado o acervo de periódicos;
b) controlar o material dado à consulta.

Acervo

Possui a Seção de Publicações Periódicas coleções completas, de jornais e revistas publicados no Brasil, e de revistas estrangeiras, seleciona-

das entre as melhores de cada assunto. Estas publicações ficam localizadas nos 6 andares de armazéns da Seção.

LOCALIZAÇÃO: A Seção de Publicações Periódicas dispõe de um salão destinado a consulta de suas publicações, localizado na ala esquerda do 2º pavimento. Publicações correntes atualizadas são postas ao alcance dos leitores, nesse salão.

HORÁRIO: A Seção de Publicações Periódicas está aberta ao público nos seguintes horários: 10 às 22 horas: de 2as. às 6as. feiras. 10 às 16 horas: aos sábados.

TELEFONE: 32-2277.

3. SEÇÃO DE PUBLICAÇÕES OFICIAIS

Nota Histórica

A Seção de Publicações Oficiais, subordinada à Divisão de Circulação, foi criada pelo Decreto-lei nº 84.679, de 18 de janeiro de 1946. O regulamento aprovado pelo referido Decreto estabeleceu as seguintes atribuições para a Seção:

I. Manter organizado o acervo das publicações oficiais, nacionais e estrangeiras;

II. Controlar o material dado à consulta.

Posteriormente (1952), as atribuições da Seção foram modificadas, no sentido de que abrangessem apenas as publicações especializadas em assuntos de administração, legislação e jurisprudência.

Atividades

À Seção de Publicações Oficiais, em sua especialização indicada acima, compete:

I. Selecionar, organizar e atualizar as obras nacionais e estrangeiras;

II. Organizar e atualizar os catálogos para uso do público e os catálogos auxiliares necessários aos seus serviços;

III. Executar os serviços de referência legislativa solicitados pelos leitores;

IV. Franquear ao público a consulta do seu acervo;

V. Orientar o público quanto ao uso do catálogo e das coleções e auxiliá-lo nas pesquisas necessárias.

Acervo

O acervo, constante de obras nacionais e estrangeiras, é o seguinte:

Diários Oficiais,
Coleções de Leis,
Orçamentos,
Publicações dos Congressos,
Material Administrativo (anais, anuários, boletins, relatórios, mensagens, etc.),
Revistas (de direito, legislação, jurisprudência),
Coleções e Índices de Jurisprudência.

LOCALIZAÇÃO: A Seção de Publicações Oficiais está localizada anexa ao salão da ala esquerda, do 2º pavimento.
HORÁRIO: A Seção funciona nos seguintes horários: de 2as. às 6as.-feiras, de 10 às 22 horas; aos sábados, de 10 às 16 horas.
TELEFONE: 42-3569.

4. SEÇÃO DE REFERÊNCIA GERAL

Nota Histórica

A Seção de Referência Geral, subordinada à Divisão de Circulação, foi criada pelo Decreto-lei nº 8 679, de 18 de janeiro de 1946.

Anteriormente, a atual Seção de Referência pertencia à Divisão de Consulta, sob a denominação de Seção de Leitura Geral e Referência. (Decreto-lei nº 6 732, de 24 de julho de 1944 e Decreto nº 16 167, de 24 de julho de 1944). Em 18 de janeiro de 1946 houve o desdobramento da Seção, criando-se a Seção de Leitura e a Seção de Referência Geral.

Atividades

São atribuições da Seção de Referência Geral:

1º — organizar e manter atualizadas as coleções de referência bibliográfica;

2º — selecionar o material bibliográfico próprio da Seção e que deva ser adquirido pela Biblioteca;

3º — franquear ao público a consulta e a leitura de seu acervo, orientando os consulentes no uso dos catálogos e das coleções;

4º — a assistência direta ao leitor, quer fazendo pesquisas bibliográficas, quer organizando bibliografias e índices;

5º — responder às perguntas e solicitações de pesquisas do Exterior, no campo bibliográfico.

Acervo

A material da Seção de Referência Geral, compreende:

enciclopédias gerais e especializadas,

dicionários de língua e bilíngues,
bibliografias nacionais e especializadas,
índices,
catálogos,
anuários.

LOCALIZAÇÃO: A Seção de Referência Geral está localizada no 2º pavimento do edifício, na ala esquerda.

HORÁRIO: A Seção de Referência Geral está aberta ao público nos seguintes horários:
10 às 22 horas, de 2as. às 6as.-feiras.
10 às 16 horas, aos sábados.
13 às 17 horas, aos domingos.

TELEFONE: 31-1119.

IV. DIVISÃO DE AQUISIÇÃO

A Divisão de Aquisição foi criada com a reforma de 1946.

Compreende cinco Seções:

1. SEÇÃO DE CONTRIBUIÇÃO LEGAL

Está encarregada do contrôle e fiscalização do Decreto nº 1 825, de 20 de dezembro de 1907, que dispõe sôbre a remessa das obras impressas à Biblioteca Nacional. Além do registro e catalogação para o fichário de tombo, é atribuição desta seção a publicação do *Boletim Bibliográfico* de todo o material recebido que abrange: livros, folhetos, músicas, mapas, jornais, revistas, etc.

2. SEÇÃO DE PERMUTAS INTERNACIONAIS

Encarrega-se do serviço de Intercâmbio bibliográfico (Dec. nº 20 529, de 16 de outubro de 1931). Entre as principais atribuições desta seção estão:

a) executar os compromissos assumidos pelo Estado em convenções e acordos internacionais de intercâmbio de publicações;
b) fazer o levantamento das publicações oficiais, de instituições culturais e científicas brasileiras;
c) preparar listas selecionadas dessas publicações para oferecer às instituições estrangeiras, em troca do que nos é remetido;
d) redistribuição no Brasil do material recebido do Exterior;
e) desembarcar na alfândega caixas e pacotes provenientes dos acordos internacionais;
f) registrar e catalogar êsse material para o fichário de tombo.

3. SEÇÃO DE DIREITOS AUTORAIS

A esta Seção cabe:

a) receber, examinar a obra literária, científica e artística, trazida pelo requerente;
b) registrar a mesma, nos têrmos do artigo 675, do Código Civil e do Decreto número 4 857, de 9 de novembro de 1939;
c) extrair certidões das obras registradas;
d) arquivar devidamente todo material recebido;
e) fazer as averbações à margem dos têrmos de registro, no livro competente, quanto às cessões, transferências e todos os demais atos relativos à propriedade literária, científica ou artística, que os interessados queiram tornar conhecidos de terceiros;
f) enviar mensalmente à Imprensa Nacional uma relação das obras registradas a fim de ser publicada no Diário Oficial;
g) dar parecer, prestar informações concernentes a Convênios Internacionais;
h) fazer a correspondência com o Bureau de l'Union International pour la protection des oeuvres littéraires et artistiques, em Genebra.

4. SEÇÃO DE COMPRAS

Compete a esta seção a seleção de livros e revistas estrangeiras, encomenda e aquisição das mesmas, além do registro e da catalogação para o fichário de tombo.

5. SEÇÃO DE ENCADERNAÇÃO

A Seção de Encadernação prepara e controla o material remetido à encadernação e à restauração, confere e distribui as obras encadernadas e restauradas às respectivas seções.

Seu movimento, em 1959, foi de cêrca de 15.000 volumes, entre livros, folhetos, revistas, jornais, Diários, etc.

V. DIVISÃO DE CATALOGAÇÃO

Histórico

A Divisão de Catalogação foi criada pelo decreto n. 20.478, de 24.1.1946 (D. O. de 26.1.1946).

Atividades

À Divisão de Catalogação compete:

a) pela Seção de *Catalogação*, catalogar as peças bibliográficas;
b) pela Seção de *Classificação*, classificar as peças bibliográficas;

c) pela Seção de *Manutenção dos catálogos,* manter organizados os catálogos para uso do público e a êste prestar as informações que solicitar.

LOCALIZAÇÃO: A Divisão funciona no 3º pavimento, ala direita, fundos.
HORÁRIO: Orientação do público junto ao catálogo: das 10 horas (da manhã) às 23 horas. Aos sábados: das 10 (da manhã) às 16 horas. Serviços internos: das 8 às 16 horas.
TELEFONE: 42-5701.

VI. DIVISÃO DE BIBLIOPATOLOGIA

História

A necessidade de instalação de um Laboratório de Restauração dos exemplares bibliográficos foi sempre sentida na casa, começando a preocupar a administração Rubem Borba de Morais e podendo concretizar-se na gestão do Diretor Josué Montelo, que adquiriu a peça fundamental para a existência do Laboratório, a máquina Barrow (já de preço muito elevado, àquela época). Ao Diretor Eugênio Gomes coube ampliar a nascente Seção, localizando-a no 1º pavimento da Biblioteca. É dêsse Laboratório que se passa, na administração Celso Cunha, à extensão dos serviços e ao agrupamento, na Divisão de Bibliopatologia, das Seções de Restauração e Recuperação; de Conservação; de Ciência Aplicada e Pesquisas, após a remodelação e revisão completa dos equipamentos e instalações.

Funções

Tendo a seu cargo velar pela integridade de nosso patrimônio de três milhões de títulos, (em que cêrca de meio milhão está em condições de perecimento, sob ameaças na sua utilização e integridade), cabe à Divisão, pelos seus órgãos especializados, entre outras atribuições:

a) a realização de pesquisas de bibliopatologia tropical;

b) o estudo dos problemas inerentes à estrutura, gênese e alterações nos materiais de confecção dos livros;

c) a mobilização de meios de prevenção e de combate contra os agentes deterioradores;

d) a operação de restauração do tôda sorte de material bibliográfico, pelos processos modernos.

LOCALIZAÇÃO: 1º pavimento, ala direita.
HORÁRIO: (Em total, variando a natureza do serviço ou das tarefas): das 8 às 18 horas.
TELEFONE: 52-3436.

VII. DIVISÃO DE ADMINISTRAÇÃO

Histórico

A Divisão de Administração, pelo Decreto nº 48.108 de 13.4.60, veio alterar, com nova denominação, o Serviço Auxiliar, criado pelo Decreto nº 20.478 de 24.1.46, que aprovou o Regimento da Biblioteca Nacional. Fica diretamente subordinada ao Diretor Geral.

Funções

Compreende a D. A.:

1º — Seção de Pessoal
2º — Seção de Material
3º — Seção de Orçamento
4º — Seção de Conservação do Patrimônio
5º — Portaria
6º — Zeladoria

São as seguintes as suas atribuições:

1º — efetuar os diversos atos administrativos que se relacionem com o pessoal da B.N., prestando ao público as informações necessárias e atendendo às reclamações;

2º — requisitar, receber, registrar e distribuir todo o material adquirido pela B.N.;

3º — preparar e justificar a proposta orçamentária da B.N., acompanhando sua aplicação;

4º — providenciar obras e reparos nos bens móveis e imóveis da B.N.;

5º — dirigir todos os trabalhos da Portaria e Chapelaria;

6º — zelar pela conservação, segurança e vigilância do edifício, fazendo o policiamento interno e externo, diurno e noturno.

LOCALIZAÇÃO: A D. A. funciona no 3º pavimento, ala direita, juntamente com as Seções de Pessoal e Orçamento; a Portaria funciona no 2º pavimento, as demais no primeiro pavimento.

HORÁRIO: Os funcionários lotados nas diversas seções, com atribuições administrativas, têm o horário normal das 11 às 17 horas. Na Portaria e Zeladoria, dada a natureza do serviço, o pessoal está organizado em turmas que funcionam durante as 24 horas diárias.

TELEFONE: 22-0821.

VIII. CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA

Histórico

O Regulamento de 1911 (Decreto n. 8.835) é o primeiro a dispor sôbre o "curso técnico", destinado a habilitar os candidatos ao cargo de

amanuense da Biblioteca Nacional e do Arquivo Nacional e ao de 3º oficial do Museu Histórico Nacional. O Curso somente se instalou em 1915, tendo funcionado dificilmente até 1922, quando se extinguiu. Restabeleceu-se em novas bases, com a duração de dois anos, em novembro de 1931.

De 1944 a 1946, como professor e depois Diretor dos Cursos, Josué Montelo fêz a re-estruturação curricular, ampliou e prestigiou de toda maneira a formação dos novos técnicos e bibliotecários, encontrando apoio decidido dos Diretores da Biblioteca naquela fase: Rodolfo Garcia e Rubem Borba de Morais.

1. **Gratuidade**

O ensino através dos cursos da Biblioteca Nacional é ministrado gratuitamente. Não são cobradas taxas de matrículas, mensalidades de freqüência ou taxas de expedição de certificados de conclusão de cursos.

2. **Finalidades**

a) Formar pessoal habilitado a organizar e dirigir bibliotecas ou a executar serviços técnicos de bibliotecas;
b) promover o aperfeiçoamento ou a especialização dos bibliotecários;
c) promover a unidade de orientação das técnicas fundamentais dos serviços de bibliotecas;
d) difundir conhecimentos dos progressos realizados no campo da biblioteconomia.

3. **Organização**

A. Curso Fundamental de Biblioteconomia (C.F.B.)
B. Curso Superior de Biblioteconomia (C.S.B.)
C. Cursos Avulsos (C.A.)

A — *CURSO FUNDAMENTAL*

As disciplinas lecionadas no Curso Fundamental são:

1. Organização de Bibliotecas,
2. Classificação e Catalogação,
3. Bibliografia e Referência,
4. História do Livro e das Bibliotecas.

(A aprovação nesse Curso habilita o aluno para a carreira de "Bibliotecário-auxiliar" no Serviço Público, mediante concurso ou nomeação interina).

B — *CURSO SUPERIOR*

Disciplinas lecionadas:

1. Organização e Administração de Bibliotecas,
2. Classificação e Catalogação,

3. História da literatura,

4. *Disciplina optativa,* a ser escolhida entre as seguintes: Noções de Paleografia e Catalogação de Manuscritos e de Livros Raros e Preciosos; Mapotecas, Iconografia; Bibliotecas de Música; Bibliotecas Infantis e Escolares; Bibliotecas Especializadas e Bibliotecas Universitárias; Bibliotecas Públicas, ou qualquer disciplina ou grupo de disciplinas, cursadas na Faculdade Nacional de Filosofia ou instituto congênere, versando sôbre assuntos de interêsse para a cultura do bibliotecário.

(Êsse Curso dá direito a Diploma, habilitando ao exercício da profissão, no Serviço Público, na carreira de *Bibliotecário,* mediante concurso ou nomeação interina.)

C. *CURSOS AVULSOS*

Têm por finalidade ampliar e atualizar os conhecimentos dos bibliotecários e bibliotecários-auxiliares.

4. Calendário

a) Período de inscrição aos *exames vestibulares*: de 25 de janeiro a 10 de fevereiro;
b) Período de matrículas: de 15 a 28 de fevereiro;
c) Primeiro período de aulas: de 1 de março a 30 de junho;
d) Segundo período de aulas: de 1 de agôsto a 30 de novembro;
e) Período de provas finais: de 1 a 15 de dezembro.

O período de férias será de 1 a 31 de julho.

5. Condições de Admissão

A. O candidato à matrícula no C.F.B. deverá ter curso secundário completo (ginasial e colegial) e ser aprovado em exames vestibulares.

B. O candidato à matrícula no C.S.B. deverá ter concluído o C.F.B.

Os diplomados em curso superior (Faculdades) poderão candidatar-se diretamente ao C.S.B., mediante exame especial de habilitação.

C. As condições de admissão aos Cursos Avulsos serão estabelecidas, em cada caso, pelo Diretor Geral da Biblioteca Nacional, mediante proposta do Diretor dos Cursos.

LOCALIZAÇÃO: 1º pavimento, ala esquerda.
HORÁRIO: De 8 às 18 horas.
TELEFONE: 42-2812.

O SESQUICENTENÁRIO

Com o propósito de comemorar o sesquicentenário da instalação da Biblioteca Nacional (1810-1960) e o cinqüentenário da inauguração do seu prédio à Avenida Rio Branco, (1910-1960), a Direção-Geral, contando com o apoio do Sr. Presidente da República, do Sr. Ministro de Educação e Cultura, das altas autoridades, de instituições oficiais, e com a participação de todos os seus Funcionários — a todos os quais pùblicamente manifesta os seus agradecimentos, — organizou o Programa de que a seguir se dá breve notícia e pelo qual se verifica que as comemorações se estenderam por todo o ano de 1960, no país e fora dêle.

PROGRAMA GERAL

A. *EXPOSIÇÕES DO ANO DE 1960*

I. *Realizadas*:

1. De 19 a 30 de abril: Exposição Conde Affonso Celso. Na Biblioteca Nacional. Rio.

2. De 7 a 14 de agôsto: Exposição do Iº Congresso Brasileiro de Crítica e Histórica Literária. Na Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife. Pernambuco.

3. De 29 de agôsto a 15 de setembro. Exposição Frederico Chopin. Na Biblioteca Nacional. Rio.

II. *Em vias de realização*:

a. *No Estrangeiro*

1. Exposição do "Livro Brasileiro Contemporâneo", em Paris (Material já embarcado. Catálogo preparado).

2. Exposição do "Livro Brasileiro Contemporâneo", em Praga. (Material já embarcado. Catálogo preparado).

3. Exposição do "Livro Brasileiro Contemporâneo", em Roma. (Material já embarcado. Catálogo preparado).

4. Exposição do "Livro Brasileiro Contemporâneo", em Assunção. (Material já embarcado. Catálogo preparado).

5. Exposição do "Livro Brasileiro Contemporâneo", em Utrecht. (Material já selecionado. Catálogo em preparação).

6. Exposição do "Livro Brasileiro Contemporâneo", em Nova York. (Material em seleção. Catálogo iniciado).

7. Exposição do "Livro Brasileiro Contemporâneo", em Wisconsin.

b. *No Rio, sede da Biblioteca Nacional*

1. A inaugurar-se a 29 de outubro:
   Exposição comemorativa do sesquicentenário da Biblioteca (1810-1960) e do cinqüentenário do Prédio (1910-1960)

2. A inaugurar-se a 5 de dezembro:
   Exposição dos Incunábulos da Biblioteca Nacional.

III. *Exposições previstas* (dependendo de entendimentos finais, fixação de local e data):

1. Exposição da Secção de Microfilmes (Peças do acervo e do Laboratório).
2. Exposição Casimiro de Abreu.
3. Exposição Almirante Cockrane.
4. O Brasil no livro e na gravura.

B. *PUBLICAÇÕES DO ANO DE 1960*

I. *Publicações já postas em circulação durante o ano das comemorações:*

1. Guia da Biblioteca Nacional no Sesquicentenário da sua instalação.
2. Figurinos do Rio de Janeiro e Sêrro Frio. Século XVIII.
3. Oiseaux-Mouches Orthorinques du Brésil.
4. Catálogo da Exposição Conde Affonso Celso.

5. Catálogo da Exposição do 1º Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária do Recife.

6. Catálogo da Exposição Frederico Chopin.

7. Catálogo da Exposição do Sesquicentenário da Instalação e do Cinqüentenário do Prédio da Biblioteca Nacional.

8. Decimália (Separata): M. B. Lourenço Filho: A Educação no Brasil.

9. Decimália (Separata): J. Carlos Lisboa: O Estudo de Letras Neolatinas no Brasil.

II. *Publicações em impressão.* (Veja-se a relação constante na parte de *Acervos e Atividades,* dêste *Guia,* onde figuram igualmente as obras em preparação — umas e outras que não se puderam ultimar para as comemorações do Sesquicentenário).

C. *PRÊMIOS*

Abrindo concurso especial para trabalhos de Bibliologia, Ecdótica e Bibliopatologia, em comemoração ao Sesquicentenário da sua instalação e cinqüentenário do prédio, a Biblioteca Nacional instituiu para os vencedores do certame os prêmios seguintes:

1º. Três prêmios, no valor de Cr$ 50.000,00 (cinqüenta mil cruzeiros) cada um, para os que obtiverem a primeira colocação:

a) Prêmio Ramiz Galvão, de *Bibliologia,* da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro;

b) Prêmio Rodolfo Garcia, de *Ecdótica,* da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro;

c) Prêmio Manuel Cícero Peregrino, de *Bibliopatologia,* da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro;

2º. Seis prêmios, constituídos de medalha e diploma, para os que obtiverem a segunda e terceira colocações, em cada uma das alíneas do item 1º.

Instituiu, igualmente:

Prêmios de honra ao mérito, constituídos de medalha e diploma, a quantos, através de doações à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, hajam contribuído para o enriquecimento material do seu acervo; ou, pertencentes ou não a seu quadro, tenham

colaborado, por suas atividades, no aperfeiçoamento de seu sistema funcional e na melhoria de seu patrimônio cultural; ou, ainda, por sua projeção intelectual, se hajam tornado credores do reconhecimento da Nação.

D. *OBRAS E NOVAS INSTALAÇÕES*

Quanto a obras e novas instalações, a Administração programou, para celebrar as duas efemérides da Biblioteca Nacional:

a) Instalação das Oficinas de Encadernação;

b) Transferência da Seção de Música para o 5º pavimento;

c) Substituição dos elevadores e monta-livros que ligam o Salão de Leitura e salas de consultas aos armazéns ou depósitos de livros;

d) Pintura e reformas internas; remodelação dos jardins externos; instalação de aparelhos de ar condicionado;

e) Inauguração do Laboratório da Seção de Microfilmes, inteiramente remodelado e equipado com a mais moderna aparelhagem e técnica de foto-reprodução.

E. *SÊLO E MEDALHAS*

Por solicitação da Biblioteca Nacional, o Departamento dos Correios lançará, a partir de 29 de outubro, o Sêlo Comemorativo das duas datas, especialmente confeccionado para êsse fim, com o desenho do prédio cinqüentenário da Biblioteca.

As medalhas a que se referem os prêmios acima indicados (letra C) foram cunhadas em prata e bronze, para a celebração tanto do Sesquicentenário da instalação como do Cinqüentenário do prédio. Apresentam no anverso as figuras de D. João VI e do Presidente Juscelino Kubitschek e no verso o desenho do edifício da Biblioteca Nacional.

F. *MISSA*

Pela passagem da data, será rezada missa em ação de graças às dez horas da manhã de 29 de outubro, na Igreja de Santa Luzia.

G. *REIVINDICAÇÕES*

1. *A Autonomia*:

Entre aquelas medidas que mais empenhadamente vêm pleiteando as Administrações da Biblioteca, em seu ano festivo de 1960, se destaca

a da sua Autonomia, que já foi objeto de Exposição de Motivos do Sr. Ministro de Educação e Cultura, Professor Clóvis Salgado, ao Exmo. Sr. Presidente da República, Dr. Juscelino Kubitschek.

De fato, só a autonomia administrativa que se reclama permitirá o pleno desenvolvimento da instituição, uma vez que a Biblioteca permanecerá no Rio, e o Ministério de Educação e Cultura já se transferiu para Brasília, — com a mudança da capital do país, — o que vem criar dificuldades a que o Senhor Ministro de Estado possa acompanhar de perto, como convém, tôdas as necessidades dêste órgão de cultura em plena maturidade e cada vez com mais complexo crescimento.

Com o tipo de direção e estrutura propostos no projeto, a transformar-se em Mensagem Presidencial ao Poder Legislativo, estará a Biblioteca habilitada a encontrar em novo Regimento, (já previsto em suas linhas mestras no futuro diploma) a fórmula e a forma para a sua atualização em relação ao desenvolvimento da cultura do País.

2. *Novo Prédio*:

O Decreto-lei n. 8.679 de 18 de janeiro de 1946, que reorganizou a Biblioteca Nacional, autorizou em seu Art. 11º o Sr. Ministro da Educação a constituir uma comissão, a fim de que efetue estudos necessários à construção de prédio adequado a instalações modernas, no terreno ocupado pela atual sede da Biblioteca.

Essa autorização revela que, há quase quinze anos, já era problema a carência de espaço e o envelhecimento do edifício. Nestes três lustros tal problema se foi agravando cada dia mais, com o crescimento natural dos acervos, com as necessidades novas que irrompem, como conseqüência daquele crescimento e das condições do acelerado progresso cultural do Brasil.

A solução pronta terá de vir e poderá ser outra, no entanto. Com a instalação da capital em Brasília, inúmeros próprios federais se vão desocupando e a entrega de qualquer um dêles, em condições de amplitude e vizinhança, viria possibilitar o descongestionamento da Biblioteca Nacional, através da transferência de uma Divisão ou de algumas das Seções que se amontoam nas escadas ou nas passagens da velha casa.

Os três Diretores que a Biblioteca teve, durante êste ano festivo, fizeram convergir todos os seus esforços no sentido da consecução do novo imóvel, a que possam transferir parte dos serviços e depósito de publicações, esperando acrescentar essa conquista da Biblioteca às suas comemorações do Sesquicentenário da sua instalação e do Cinqüentenário de seu edifício à Avenida Rio Branco.

ÍNDICE

CAPA

Frente: Reprodução de parte de uma página de um dos LIVROS DE HORAS do acervo da Biblioteca Nacional.

Fecho: Trecho do Decreto Real de 29 de outubro de 1810 em que d. João VI mandou acomodar a Biblioteca no lugar que havia servido de catacumba aos Religiosos do Carmo.

ÊSTE GUIA DA BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO ACABOU DE IMPRIMIR-SE AOS 29 DE OUTUBRO DE 1960, NO SESQUICENTENÁRIO DA SUA INSTALAÇÃO E CINQÜENTENÁRIO DA INAUGURAÇÃO DE SUA SEDE ATUAL, NAS OFICINAS DE SEDEGRA SOCIEDADE EDITÔRA E GRÁFICA LTDA., COM REPRODUÇÕES GRAVADAS POR CLICHERIAS REUNIDAS LATT-MAYER S.A.

"... e constando-me... que no lugar que havia servido de catacumbas aos religiosos do Carmo se podia fazer huma mais propria e decente accommodação para a dita livraria: hei por bem... determinar que nas ditas catacumbas se erija e accommode a minha Real bibliotheca e instrumentos de physica e mathematica, fazendo-se a custa da Real Fazenda toda a despeza conducente ao arranjamento e manutenção do referido estabelecimento."